UNIFEBE

Saúde e Bem-Estar

MEDICINA

IESC aproxima acadêmicos da prática profissional

Pág. 29

FISIOTERAPIA

Vencendo limites: vidas transformadas pela abordagem terapêutica

Pág. 40

EDUCAÇÃO FÍSICA

Os benefícios da inclusão no mercado de trabalho

Pág. 46

PSICOLOGIA

Incluir para superar

Como o mundo pós pandemia tem acentuado os transtornos mentais em adolescentes

Pág. 18

Revista UNIFEBE | Saúde e Bem-Estar
Ano I – Primeiro semestre de 2022

UNIFEBE

EXPEDIENTE

Mantenedora
Fundação Educacional de Brusque - FEBE

Mantida
Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE

Presidente e Reitora
Rosemari Glatz

Vice-presidente, Vice-reitor e Pró-reitor de Administração
Sergio Rubens Fantini

Pró-reitor de Graduação
Sidnei Gripa

Pró-reitora de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Edinéia Pereira da Silva

Coordenador de Educação Física
João Derli de Souza Santos

Coordenadora de Fisioterapia
Leilane Marcos

Coordenador de Medicina
Osvaldo Quirino de Souza

Coordenador de Psicologia
Ademir Bernardino da Silva

Assessor de Comunicação
Arthur Timm

Reportagem
Guédria Ida Baron Motta
Olga Luisa dos Santos
Taiana Steffen Eberle

Fotos
Olga Luisa dos Santos
Acadêmicos UNIFEBE

Projeto Gráfico/Diagramação
Barbária Criativa

Revisão
Rosana Paza

Assessoria de Comunicação Social
assessor.comunicacao@unifebe.edu.br
Fone: (47) 3211-7223

CURSOS GRADUAÇÃO

PRESENCIAIS
Administração
Arquitetura e Urbanismo
Ciências Contábeis
Design de Moda
Design Gráfico
Direito
Educação Especial
Educação Física – Bacharelado
Educação Física – Licenciatura
Engenharia Civil
Engenharia de Produção
Engenharia Mecânica
Engenharia Química
Fisioterapia
Gestão Comercial
Letras-Inglês
Medicina
Pedagogia
Pedagogia - Anos Iniciais do Ensino Fundamental
Processos Gerenciais
Psicologia
Publicidade e Propaganda
Sistemas de Informação
Tecnologia Educacional

EaD
Processos Gerenciais

+ Ensino Médio

+ Pós-Graduação

+ Cursos de Curta Duração

UNIFEBE
É NOSSA. É DAQUI.

UNIFEBE

É NOSSA. É DAQUI.

Palavra da reitora

Rosemari Glatz

Reitora do Centro Universitário de Brusque

Os últimos acontecimentos mundiais e regionais, diretamente relacionados à saúde da população, como a própria pandemia, por exemplo, evidenciaram ainda mais o papel da ciência na promoção da saúde e tratamento de doenças.

Em uma universidade comunitária, esses acontecimentos pautam as ações e os conteúdos acadêmicos, e até determinam a oferta e abertura de cursos superiores. Os profissionais da área da saúde foram protagonistas nesse período, e os estudantes dessas áreas aprenderam que para atuar em Medicina, Fisioterapia, Psicologia e Educação Física é preciso ir além do conhecimento científico.

Conhecimento esse que é produzido na universidade e aplicado em prol da nossa comunidade. É por meio da extensão universitária que essas atividades se concretizam, saem do papel e possibilitam que universidade e comunidade caminhem juntas, para um mesmo objetivo.

A Revista Saúde e Bem-Estar UNIFEBE nasceu com o propósito de ampliar a extensão universitária e levar a todos o que é feito por nossos acadêmicos e professores em vários setores da sociedade. Aqui, vocês verão como os estudantes da UNIFEBE aprendem e aplicam esses conhecimentos científicos a favor da promoção da saúde e do bem-estar.

Este material foi produzido pelos nossos acadêmicos dos cursos da área da saúde, como Educação Física, Fisioterapia, Medicina e Psicologia. Orientados por seus professores e coordenadores, eles foram *in loco*, conheceram e entrevistaram a própria população e a partir dessa pesquisa, embasada em obras acadêmicas, escreveram as matérias da nossa primeira Revista Saúde e Bem-Estar UNIFEBE.

A UNIFEBE é nossa, é daqui, e por isso, queremos que este material traga reais contribuições para a saúde coletiva e para a ciência brasileira. Nosso desejo é que esta revista inspire os leitores, leve informação acadêmica de uma forma fácil e prazerosa e que traga reais contribuições para pessoas, instituições e para a sociedade. Que você, leitor, desfrute dessas informações e as utilize para tornar a sua vida mais saudável e feliz.

Boa leitura!

ÍNDICE

29
Acadêmicos de Medicina em ação

08
Um transtorno, várias manifestações

15
O mal da dependência

24
Transtornos mentais x mercado de trabalho

18
Adolescentes em sofrimento

40
Vencendo limites

46
Inclusão social

50
O poder do esporte

54
Inclusão no ambiente de trabalho

PSICOLOGIA

Palavra do coordenador

Prof. Ademir Bernardino da Silva

Coordenador do curso de Psicologia

A Revista Saúde e Bem-estar é uma iniciativa importante para acadêmicos e comunidade, na medida em que transmite informações geradoras de cuidados com comportamentos que podem fazer a diferença em relação ao bem-estar psicológico. Ao mesmo tempo, tivemos a preocupação de realizar trabalhos com os acadêmicos, para formar profissionais capazes de ler a realidade e de construir práticas, apoiando-se em conhecimentos consolidados e que, quando publicados, podem se tornar acessíveis à comunidade.

Viabilizar o acesso à informação e conhecimento é uma importante função da UNIFEBE. Esta revista vem atender a uma demanda cada vez maior da comunidade de Brusque e região.

Desejamos a todos boa leitura e o melhor aproveitamento.

Um transtorno, VÁRIAS manifestações

Ambulatório de Saúde Mental assume relevância no apoio e acolhida de pacientes

2022© UNIFEBE

Professores[1]
Acadêmicos[2]

O Transtorno de Ansiedade é entendido como uma reação natural do corpo humano, que serve para dar um sinal e impedir que uma situação de perigo aconteça. Ele passa a ser considerado uma patologia quando seus sintomas estão presentes por cerca de seis meses, exigindo um esforço intenso para o controle e superação por parte do indivíduo. Entre os principais sinais de alerta se destacam o medo exagerado, tensões amplificadas, preocupações rotineiras, falta de controle sobre os próprios pensamentos e a sensação permanente de que algo muito ruim está prestes a acontecer.

Conforme estudos teóricos consultados para este trabalho, os Transtornos de Ansiedade são comuns em adultos e podem ocorrer também nas crianças e adolescentes, provocando alterações significativas nas áreas do comportamento, concentração e interação social.

Em busca do conhecimento

Os acadêmicos da primeira fase do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), dispostos a compreender melhor a incidência e variedade dos transtornos mentais, visitaram o Ambulatório de Saúde Mental de Brusque (AMENT), no dia 29 de abril de 2022.

Por lá, foi possível conhecer a enfermeira Camila (nome fictício), de 52 anos. Paciente do local, ela relata que, durante a pandemia da Covid-19, esteve na linha de frente do combate à doença, trabalhando em um hospital. Assim, transformou-se em espectadora de histórias dolorosas: famílias e amigos enlutados, diante da morte prematura, inesperada e sem solenes despedidas. Com o decorrer desses acontecimentos, Camila começou a se sentir sobrecarregada emocionalmente e percebeu os primeiros sinais de ansiedade. Por orientação, procurou apoio no Ambulatório de Saúde Mental, onde recebeu atendimentos psicológicos gratuitos. Ela relata a experiência positiva dessa intervenção.

Oportunidade acadêmica

Os acadêmicos da primeira fase do curso de Psicologia enaltecem o conhecimento adquirido a partir desta pesquisa de Extensão Universitária. Mais do que compreender os aspectos teóricos dos transtornos mentais, para eles foi importante observar na prática os sinais da doença, aproximando-se de pessoas reais, que vivem na pele as consequências da ansiedade. Durante o projeto, também foi possível reconhecer a necessidade de instituições como a AMENT, que contribuem, decisivamente, para o acompanhamento e recuperação psicológica. “É visto que os tratamentos trazem grandes benefícios para a saúde do paciente, melhorando sua qualidade de vida”, afirmam os acadêmicos envolvidos na produção deste conteúdo.

Jéssica Moreira Stefene, Deise de Moraes Cassol, Amanda Batista Comim, Ana Cristina Lang, Adriana Regina Kormann (pessoa externa), Eduardo de Oliveira Apolinário, Joice Mara Becker.

Depressão: ameaça silenciosa

Outro transtorno observado durante o projeto refere-se à depressão, uma doença que pode afetar qualquer pessoa, independentemente da idade, classe social, cultura ou religião. Ela interfere na capacidade de o indivíduo interagir com o mundo e de lidar com suas próprias emoções. A depressão está relacionada a um sentimento de tristeza intensa, solidão e baixa autoestima. Seus sintomas podem afetar drasticamente a vida pessoal e social do indivíduo, o impossibilitando de realizar até mesmo tarefas simples.

De acordo com os dados publicados pelo Ministério da Saúde (2021), as principais causas da doença passam por fatores ambientais, por meio de estresse excessivo; componentes genéticos e alterações bioquímicas no cérebro; além de fatores agravantes como traumas psicológicos, histórico familiar e problemas financeiros. Alguns dos seus principais sintomas são: sensação de tristeza constante, falta de energia, insônia, mudança na libido e pensamentos suicidas. Já o tratamento para depressão é psicoterapêutico e medicamentoso, dependendo do agravamento da doença.

Segundo a autora do artigo científico “Depressão e suicídio” (2011), Fabiana de Oliveira Barbosa, a depressão é considerada uma das doenças mais presentes no mundo, estando em 4º lugar nesse ranking. Estima-se que entre 5% a 10% de toda a população mundial passe por um momento de depressão no decorrer de sua vida. Além disso, é constatado pela OMS (2021), que as mulheres estão mais suscetíveis à doença, representando entre 10% a 20% dos casos, enquanto os homens mantêm o mesmo índice entre 5% a 12%.

Histórias de terapia

A experiência vivenciada com a profissional Joana (nome fictício), psicóloga - AMENT, foi de rica e extrema importância para compreensão do quão necessário se torna o cuidado com a saúde mental. No decorrer do diálogo, foi relatada por ela a alta demanda de ocorrências de casos moderados, prevalecendo a incidência entre pessoas de 30 e 50 anos, sendo a maioria do sexo feminino.

Segundo a profissional, os cuidados com a saúde mental vão além de um acompanhamento psicoterapêutico ou medicamentoso: cabe também ao paciente dedicar-se às atividades que fazem parte do seu dia a dia, como se exercitar regularmente, manter uma boa alimentação e garantir a qualidade de sono.

Em uma entrevista no local, foi possível conhecer Rafaela (nome fictício), 41 anos, mãe do João, de 10. Ela relata como foi o processo de diagnóstico de depressão e adaptação da família à doença do menino. Tudo começou com o divórcio dos pais, que afetou emocionalmente João. Foi assim que surgiram os comportamentos problemáticos e frases duras de dizer e de ouvir: ele não encontrava mais sentido na vida.

Rafaela destaca que, no início, não imaginava a gravidade da doença. Mas, com o passar do tempo e, sobretudo, com a sintomas, ela buscou ajuda e opinião médica, quando houve o encaminhamento ao Ambulatório.

O processo de adaptação de João à terapia foi difícil. No começo, ele se recusava a frequentar a instituição. Foi um colega de escola, que também utiliza o espaço, o responsável por convencê-lo a não abandonar o tratamento. Vencida esta etapa, ocorreu um agravamento no quadro. Para aliviar o nervosismo, o menino comia compulsivamente. E, diante das restrições feitas pela mãe, João passou a se arranhar.

"Atualmente, o menino reconhece a importância do seu acompanhamento no AMENT, o que resulta em uma melhora gradativa em sua vida. A mãe também é grata pelo apoio recebido na instituição, que lhe proporcionou novamente uma estabilidade familiar. Em virtude dos fatos mencionados, em conjunto com a experiência vivenciada, é possível afirmar que a depressão se trata de uma doença que requer atenção, inclusive pelos indivíduos presentes no meio social do paciente, que muitas vezes são capazes de perceber os sintomas aparentes com mais facilidade", contam os acadêmicos.

Foi uma experiência nova para todos os integrantes do grupo e que envolveu várias emoções por conta de todas as informações recebidas.

Acadêmicos

Fora do consultório

As entrevistas e pesquisas dos acadêmicos de Psicologia ocorreram em março de 2022, nas dependências do AMENT. O desafio foi conversar com funcionários do local, usuários e seus familiares, obtendo, assim, conhecimentos e experiências únicas e de grande relevância. Tendo isso em consideração, os momentos mais marcantes citados pelos alunos foram os relatos dessas conversas, em um contexto de muita emoção, o que possibilitou o aprendizado de uma forma diferente, mas profundamente gratificante.

"Foi uma experiência nova para todos os integrantes do grupo e que envolveu várias emoções por conta de todas as informações recebidas", analisam os acadêmicos.

Foi através deste projeto que os futuros profissionais de Psicologia compreenderam a importância de discutir este tema com a sociedade. Para eles, é preciso chamar a atenção para os transtornos mentais, devido ao aumento de casos no Brasil e, principalmente, porque a doença nem sempre é tratada com a seriedade que merece. Conforme dados da Organização Mundial de Saúde (2021), os transtornos mentais já afetam mais de 18,6 milhões de brasileiros.

"O acesso à informação sobre saúde mental para todas as pessoas auxilia a desmistificar esse tema que hoje em dia é tão presente na rotina de todos os indivíduos", concluem os acadêmicos.

Os trabalhos científicos consultados para esta matéria estão disponíveis na íntegra e podem ser acessados através do QR-Code.

BARBOSA, Fabiana de Oliveira; MACEDO, Paula Costa Mosca; SILVEIRA, Rosa Maria Carvalho. Depressão e o Suicido. Revista SBPH, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 233-243, jan./jun. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Depressão. 2021.

DEUS, Persio Ribeiro Gomes de. Ansiedade.

FEITOSA, Michelle Pereira; Simone; MACHADO, Eleuza Rodrigues; BOHRY, Simone. Depressão: Família e seu papel no tratamento do paciente. Encontro: Revista de Psicologia, v. 14, n. 21, p. 127-144, 2011.

VIANA, Milena de Barros. Freud e Darwin: ansiedade como sinal, uma resposta adaptativa ao perigo. Natureza Humana, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-33, jan./jun. 2010.

[1] Aline Bernardes de Souza, André Luiz Thieme, Simoni Urnau Bonfiglio, Fernanda Germani de Oliveira Chiaratti, Luciana Maria Baron Gamba. [2] Adriana Ferreira Bianchessi, Aglailce Soares dos Santos, Aline Santos Sales, Allana Vitória Siqueira Paes, Amanda Batista Comim, Ana Cristina Lang, Andre Luiz Vailati Mattos, Barbara Beatriz de Lima, Beatriz Kunitz, Bruna Vanessa Camargo da Chagas, Carolina Träsel, Caroline da Silva Leite, Clara Regina Perotoni, Crislene Burigo Salviti Schwamberger, Deise de Moraes Cassol, Deveid Wesley Oliveira Czelen, Eduarda Schafer, Emanueli Vitória Romeu da Silva do Couto, Francine de Souza Luiz, Gabriela Hang Busquirolli, Gabriella Iasmin da Silva Waldrich, Gabriella Rovassine da Rocha, Gabrielle dos Santos Correia, Gisele Fuckner Bertoldi, Isabelly Kazumi Maruya de Souza, Jessica Eccher Rabelo, Jéssica Moreira Stefene, Jessica Terencio Dos Santos, Joice Mara Becker, Juliana Machado da Silva, Kamilly Trainotti Dias, Ketilen Maçaneiro, Lais Hasckel Muller, Laissa Gonçalves Martins, Laiza Cristina Wilcke Krauze, Leticia Fontanela Marchi, Lucas Quevedo Segantin, Lucas Xavier, Luciano Walendowsky Fialho, Marcello Nogueira Rubineck Pereira, Maria Eduarda Vargas Bertolini, Mariana Pradella, Maryane Bida Blan de Oliveira, Mateus Angelo da Silva, Paulina Marchi, Raiany Vitória de Lima Sabino, Sabrina de Matos Silva, Sarah Galan dos Santos, Yasmim Sara Bernardino da Silva.

O mal da DEPENDÊNCIA

Pessoas superam o vício com intervenção especializada e acolhimento da rede de apoio

Professores[1]
Acadêmicos[2]

A sociedade civil vivencia diversas mudanças no seu padrão de vida, exigindo um repertório mais abrangente de habilidades adaptativas dos indivíduos. Nem sempre é fácil suportar a realidade que se apresenta. E, diante da frustração, algumas pessoas buscam o alívio momentâneo, mas também imediato, de substâncias psicoativas como álcool, maconha, cocaína e crack.

Tendo em vista esta questão social, a saúde pública brasileira vem criando programas de prevenção, tratamento e acompanhamento de transtornos mentais provocados pelo uso de drogas lícitas e ilícitas, que visam minimizar e reabilitar os dependentes.

Um destes serviços são os Centros de Ajuda e Recuperação, conhecidos como CAPSad (Centro de Acolhimento Psicossocial de Álcool e Drogas). Em Brusque, o serviço oferecido é especializado em saúde mental, com o firme propósito de reinserção do usuário no ambiente familiar, no mercado de trabalho e na sociedade.

O consolo que vem da bebida

Os acadêmicos da primeira fase do curso de Psicologia da UNIFEBE, visitaram a unidade do CAPSad, onde conheceram João (nome fictício), 57, em recuperação da dependência. Ele, gentilmente, autorizou a publicação de seu relato.

"Tudo começou 15 anos atrás, quando João se separou da esposa e começou a frequentar lugares que favoreciam o consumo de bebidas alcoólicas. Com o novo ambiente, vieram também novas amizades e a influência para exceder nas doses", contam os estudantes.

Nesse mesmo período, João ainda vivenciou outras perdas: financeiras, afetivas e emocionais. "Ele citou a perda do emprego e o afastamento do filho. Assim, só se sentia bem com o consumo de bebida alcóolica".

Em 2020, com o apoio de um sobrinho, João foi levado até o CAPSad, onde iniciou o tratamento. Por ocasião desta entrevista, ele comemorava o terceiro mês de sobriedade. "Durante esse período, ele retomou o contato com o filho. Melhorou, também, a relação com sua família, em específico com a sua mãe, a qual João guarda um afeto imenso pelo apoio recebido. Ele destaca a importância do acolhimento que sentiu da mãe, dos irmãos, sobrinhos e amigos nesse processo de recuperação", enfatizam os acadêmicos.

Um ponto alto para esta mudança de vida foi o despertar da própria consciência, diante do choro da mãe e das discussões frequentes com os irmãos. João agora é capaz de reconhecer que não enxergava os próprios erros e que sempre se achava na razão. "Hoje em dia ele mantém um pensamento muito positivo sobre a mudança. Acredita que, por meio dos erros do passado, consegue ser uma nova pessoa no presente e no futuro".

Para finalizar a entrevista, os acadêmicos estavam curiosos: se João pudesse voltar no tempo, o que ele faria de diferente? E, para a surpresa de todos, a resposta foi sobre educação. João, que trabalhou como tintureiro por 17 anos, focaria mais nos estudos, para ser um profissional melhor na sua área.

> **Ele citou a perda do emprego e o afastamento do filho. Assim, só se sentia bem com o consumo de bebida alcóolica.**
>
> Acadêmicos

A dependência e o mercado de trabalho

Para aprofundar o conhecimento sobre a inclusão de usuários de álcool e drogas no mercado de trabalho, os acadêmicos de Psicologia entrevistaram o coordenador do Núcleo de Gestão de Pessoas da Associação Empresarial de

Isadora Wehmuth Gamba, Dunia Maria Mecias Sassi, Giovana Falcão Socoloski (pessoa externa) e Everlin Malvina Silveiro

Brusque, Guabiruba e Botuverá (ACIBr), Jorge Marcos. Ele, que atua em uma indústria da cidade, relatou casos bem-sucedidos de integração de diversos colaboradores que seriam usualmente excluídos do ambiente de trabalho. Com relação à dependência, Jorge também relatou a experiência com usuários de drogas. "O supervisor percebeu a queda de produtividade de um dos colaboradores e encaminhou para o psicólogo da empresa. A recuperação, neste caso, foi completa", contam os estudantes.

O entrevistado ressaltou a importância de incluir usuários no mercado de trabalho, tanto pela intenção de diminuir o impacto social da exclusão que sofrem, quanto pela escassez de profissionais com experiência. A medida diminui o preconceito, favorece as contratações e, quando bem conduzida, pode ser luz para quem precisa de uma oportunidade.

Conclusões acadêmicas

A partir dos dados obtidos, foi possível perceber a posição de exclusão do usuário na sociedade atual e a importância do apoio no ambiente familiar e profissional. Também foi possível compreender as situações de angústia vivenciadas pelas pessoas e a relevância do CAPSad, com o acolhimento de familiares ou colegas de trabalho. Sem isso, o processo de recuperação do usuário se tornaria muito mais árduo. Entretanto, o programa estabelecido ainda é foco de preconceito e pouco reconhecido pela sociedade.

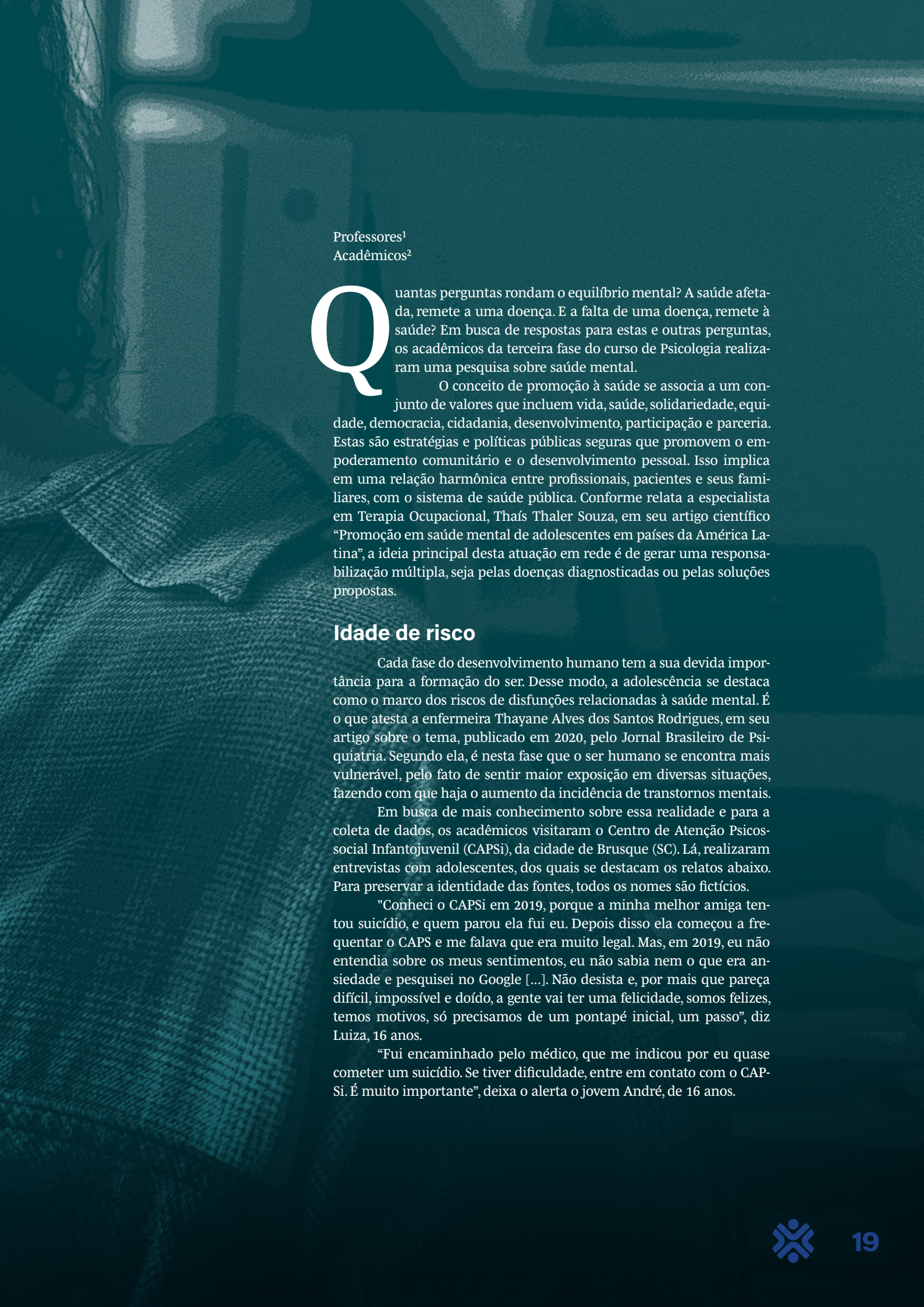
---

[1] Luzia de Miranda Meurer, André Luiz Thieme, Simoni Urnau Bonfiglio, Aline Bernardes de Souza, Luciana Maria Baron Gamba. [2] Ana Carolina Carniel, Barbara Eduarda Soares Cabral, Bruna Fernanda Garcia Teixeira, Carolaine Heck, Caroline Popper Cernucky, Dunia Maria Mecias Sassi, Eduarda Silva Freitas, Eduardo de Oliveira Apolinario, Elisa Kempner, Emily Taissa Ruppenthal Ramos, Everlin Malvina Silveiro, Gabriela Nascimento Zen, Giovane Felipe Abrahao Martim, Greice Cristine Libardo Paterno, Gustavo Araldi, Gustavo dos Santos, Isadora Wehmuth Gamba, Julia Ribeiro Costa, Lillian Silva, Maria Júlia Dorow Schwartz, Nicole de Souza, Pamela Cristina Althaus, Pietro Raulino Caetano, Rejane Dias da Silva, Sara Guedes Faro, Simone Aparecida Roden dos Santos, Tainara Ariele de Souza Anacleto, Teresa Popper Lana, Viviana de Souza Pavesi.

ADOLESCENTES em sofrimento

Fase de alerta para os transtornos mentais

2022© UNIFEBE



Professores[1]
Acadêmicos[2]

Quantas perguntas rondam o equilíbrio mental? A saúde afetada, remete a uma doença. E a falta de uma doença, remete à saúde? Em busca de respostas para estas e outras perguntas, os acadêmicos da terceira fase do curso de Psicologia realizaram uma pesquisa sobre saúde mental.

O conceito de promoção à saúde se associa a um conjunto de valores que incluem vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e parceria. Estas são estratégias e políticas públicas seguras que promovem o empoderamento comunitário e o desenvolvimento pessoal. Isso implica em uma relação harmônica entre profissionais, pacientes e seus familiares, com o sistema de saúde pública. Conforme relata a especialista em Terapia Ocupacional, Thaís Thaler Souza, em seu artigo científico "Promoção em saúde mental de adolescentes em países da América Latina", a ideia principal desta atuação em rede é de gerar uma responsabilização múltipla, seja pelas doenças diagnosticadas ou pelas soluções propostas.

Idade de risco

Cada fase do desenvolvimento humano tem a sua devida importância para a formação do ser. Desse modo, a adolescência se destaca como o marco dos riscos de disfunções relacionadas à saúde mental. É o que atesta a enfermeira Thayane Alves dos Santos Rodrigues, em seu artigo sobre o tema, publicado em 2020, pelo Jornal Brasileiro de Psiquiatria. Segundo ela, é nesta fase que o ser humano se encontra mais vulnerável, pelo fato de sentir maior exposição em diversas situações, fazendo com que haja o aumento da incidência de transtornos mentais.

Em busca de mais conhecimento sobre essa realidade e para a coleta de dados, os acadêmicos visitaram o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), da cidade de Brusque (SC). Lá, realizaram entrevistas com adolescentes, dos quais se destacam os relatos abaixo. Para preservar a identidade das fontes, todos os nomes são fictícios.

"Conheci o CAPSi em 2019, porque a minha melhor amiga tentou suicídio, e quem parou ela fui eu. Depois disso ela começou a frequentar o CAPS e me falava que era muito legal. Mas, em 2019, eu não entendia sobre os meus sentimentos, eu não sabia nem o que era ansiedade e pesquisei no Google [...]. Não desista e, por mais que pareça difícil, impossível e doído, a gente vai ter uma felicidade, somos felizes, temos motivos, só precisamos de um pontapé inicial, um passo", diz Luiza, 16 anos.

"Fui encaminhado pelo médico, que me indicou por eu quase cometer um suicídio. Se tiver dificuldade, entre em contato com o CAPSi. É muito importante", deixa o alerta o jovem André, de 16 anos.

André Alonso Marques, Professora Luzia de Miranda Meurer, Elisandra Cristina Valentim Simas, Franciane Schaefer Fischer, Julia Lanusa Bittencourt, Eloisa Benaci, Mario Zimermann Junior, Matheus Winter, Emilene Dell Agnolo Tamanini Barni.

Depressão e a escola

A promoção à saúde mental do adolescente se faz necessária, e um dos principais ambientes que podem proporcionar a identificação dos sintomas é a escola. "O sofrimento psíquico teve um aumento significativo no retorno às aulas, em decorrência da pandemia. São muitos casos nos quais os jovens têm crises de ansiedade, depressão, medo de se socializar e dificuldade em lidar com suas emoções. Isso gera um nível mais alto de agressividade, autoflagelo, tristeza, e tentativas de suicídio. Diante da grande demanda apresentada, os pais e alunos são orientados a procurar a Unidade Básica de Saúde (UBS) para buscar o atendimento especializado", relata o assessor de Direção de uma escola de Brusque, entrevistado pelos acadêmicos de Psicologia.

Ainda que os professores tenham a capacidade para trabalhar com o desenvolvimento intelectual e cultural, faltam conhecimentos sobre questões relacionadas à saúde mental. Por isso, a escola tem buscado parcerias para reduzir o sofrimento psíquico que identifica em alguns de seus alunos. O caminho é o mais indicado, já que os cuidados de saúde mental passam por uma avaliação de diferentes profissionais da área da saúde, os quais indicam as medidas necessárias para cada caso. De acordo com a enfermeira Thayane Alves dos Santos Rodrigues, é por meio desses recursos que são proporcionados atendimentos psicoterápicos, medicação e intervenções de equipes multiprofissionais, para atender os indivíduos que necessitam deste serviço.

O sofrimento psíquico teve um aumento significativo no retorno às aulas, em decorrência da pandemia.

Assessor de Direção de uma escola de Brusque

Psicóloga do CAPSi Ana Augusta Lima

Priscila Brick, Emilene Dell Agnolo Tamanini Barni, Vanessa Soares Govea, Alicio Schiestel (professor da Unifebe) e Tainara Caroline Rocha.

Rede de apoio

No CAPSi foi possível conversar com uma avó, que acompanhava o neto após uma tentativa de suicídio. Encaminhado pelo Posto de Saúde do bairro onde moram, ela afirma que a família foi bem-acolhida no local. Hoje, um ano depois desse momento difícil, o adolescente passa por duas sessões semanais de terapia e, uma vez por mês, é atendido por um psiquiatra. “Ele poderia ter pedido ajuda, mas não teve força. Um adulto já não tem essa força, imagina um adolescente”, pondera a avó.

Junto aos adolescentes, os familiares, mesmo que indiretamente, podem ser acolhidos, uma vez que esta é uma importante base de suporte ao indivíduo. Episódios como estresse e recaída do adolescente também afetam os familiares, reforçando a necessidade desta rede de assistência.

Quanto ao atendimento do CAPSi, destaca-se o relato de outro adolescente. "Olha, está muito bom, porque tudo que a gente precisa, eles estão de acordo. Não tenho nada para reclamar, eu acho sensacional", avalia Miguel.

Outro teórico consultado para fundamentar cientificamente esta pesquisa foi o Doutor em Saúde Pública, o médico psiquiatra, Paulo Amarante. Ele lembra que, até pouco tempo, a saúde mental se relacionava diretamente com o trabalho em hospícios e manicômios. A informação foi complementada pela especialista em Enfermagem Psiquiátrica, Lucilene Galera Cardoso, a qual relata que este cenário vem se modificando nas últimas décadas, ao deixar de lado as antigas práticas de intolerância aos pacientes. Segundo ela, a atenção à saúde mental é formada por uma rede de serviços extra-hospitalares de crescente complexidade, os quais favorecem a consolidação de um modelo mais integrado, dinâmico, aberto e de base comunitária.

É sobre o modelo atual que a Doutora do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, Maria Alice Ornellas Pereira, trata em seu artigo sobre Transtornos Mentais (2003). Para ela, é necessária a integração de familiares e pacientes no processo terapêutico, com o objetivo de ampliar o relacionamento social.

Como funciona o CAPSi

Emanuelle Cristina Caetano, enfermeira no CAPSi desde 2020, discorreu sobre a sua atuação no local. Ela menciona auxiliar no autocuidado dos pacientes e na melhora de suas rotinas, realizando oficinas que visam proporcionar qualidade de vida e conscientização, dos jovens e de seus responsáveis, sobre o uso correto da medicação e da alimentação saudável.

O público-alvo do serviço do CAPSi são crianças e adolescentes, em sua maioria entre 11 e 17 anos. A demanda mais presente está relacionada aos sintomas depressivos e tentativas de suicídio. O estigma existente sobre os usuários do local e a falta de apoio familiar para realizar as atividades propostas pelo serviço, são os principais fatores de desistência do tratamento.

A psicóloga Ana Augusta Lima destaca que os integrantes do CAPSi podem procurar a instituição, tanto por vontade própria, quanto por indicação da Unidade Básica de Saúde (UBS). É importante ressaltar que, durante o acolhimento, a coordenação entrevistará o jovem e o seu responsável legal, avaliando com a equipe se ele será tratado na instituição ou por meio dos ambulatórios existentes na cidade.

Por fim, os acadêmicos voltam a citar o psiquiatra Paulo Amarante, o qual defende que o campo da saúde mental contribui para que se possa pensar sobre o tema de forma diferente, fugindo da verdade absoluta ou definitiva, mas atendendo à compreensão em termos de complexidade, simultaneidade e transversalidade de saberes para as demandas.

Sobre a experiência

Todos os acadêmicos ficaram admirados com a receptividade demonstrada pelos servidores e já se interessam por estagiar ou trabalhar no CAPSi. “Esse tema é necessário. Pela inclusão, pelos direitos, pelo reconhecimento da cidadania, por tudo que o usuário precisa como um membro da sociedade. E nós, como cuidadores, precisamos oferecer acolhimento e conforto”, afirmam.

O grupo entende a relevância do tema para todos, mas enfatiza a necessidade desta compreensão no ambiente escolar. “É importante, pois se tratando de escola, a saúde mental é a chave para a construção de uma sociedade saudável”, expressam.

Esse tema é necessário. Pela inclusão, pelos direitos, pelo reconhecimento da cidadania, por tudo que o usuário precisa como um membro da sociedade.

Acadêmicos

Alguns transtornos que podem estar presentes na adolescência:

- Transtornos ansiosos;
- Transtornos depressivos;
- Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH);
- Transtorno Opositor Desafiante;
- Transtorno de Conduta.

Os trabalhos científicos consultados para esta matéria estão disponíveis na íntegra e podem ser acessados por meio do QR-Code

AMARANTE, Paulo. Saúde mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

CARDOSO, Lucilene; GALERA, Sueli Aparecida Frari. O cuidado em saúde mental na atualidade. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 45, n. 3, p. 687-691, 2011.

PEREIRA, Maria Alice Ornellas; PEREIRA JR, Alfredo. Transtorno mental: dificuldades enfrentadas pela família. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 37, n. 4, p. 92-100, 2003.

RODRIGUES, Thayane Alves dos Santos; RODRIGUES, Lauane Pereira de Sousa; CARDOSO, Ângela Maria Rosas. Adolescentes usuários de serviço de saúde mental: avaliação da percepção de melhora com o tratamento. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 69, n. 2, p. 103-110, 2020.

SOUZA, Thaís Thaler; ALMEIDA, Ana Carolina de; FERNANDES, Amanda Dourado Souza Akahosi; CID, Maria Fernanda Barboza. Promoção em saúde mental de adolescentes em países da América Latina: uma revisão integrativa da literatura. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 7, p. 2575-2586, 2021.

[1] Luzia de Miranda Meurer, Jeisa Benevenuti, André Luiz Thieme, Aline Battisti Archer, Fernanda Germani de Oliveira Chiaratti, Thiago dos Santos, Suy Mey Schumacher Moresco, Camila da Cunha Nunes, Raquel Maria Cardoso Pedroso, Fabiana Boos Vasquez. [2] Ana Paula Garcia Scheffer, Andre Alonso Marques, Beatriz Poli, Diogo Macedo Dalcastagne, Elisandra Cristina Valentim Simas, Eloisa Benaci, Emilene Dell Agnolo Tamanini Barni, Euler Hugen, Franciane Schaefer Fischer, Isabela Camili de Oliveira, Isadora Beatriz Wippel, Julia Lanusa Bitencourt, Kaiane Beatriz da Silva, Laura Machado de Oliveira Tavares, Mariani Chiminelli, Mario Zimermann Junior, Matheus Decker Venturelli, Matheus Winter, Milena Hostins, Priscila Brick, Stefany July da Silva Ramos, Suelen Camile Costa, Taila Alberton, Tainara Caroline Rocha, Talita Amanda Rodrigues Caitano, Thainara de Andrade Vieira, Thiago Iluar Grott Januario, Vanessa Soares Govea.

Transtornos mentais

Recomendado na teoria, ainda faltam programas que viabilizem a inclusão

Professores[1]
Acadêmicos[2]

Os transtornos mentais são doenças psiquiátricas que se manifestam por desequilíbrios de pensamentos, sentimentos e comportamentos, ao ponto de trazer prejuízos e sofrimento aos indivíduos.

O trabalho, por sua vez, apresenta-se como gerador de cidadania e encontra seu valor no afeto e em sua capacidade de transformação. Por isso, a inclusão no trabalho contribui para uma vida com participação social, gerando a construção da subjetividade, por meio do exercício da cidadania.

A terapeuta ocupacional, Andréa Miranda Ribeiro de Melo, em seu trabalho "Abordagem da Temática do Trabalho em um Serviço de Saúde Mental", é enfática ao afirmar que a inclusão no mundo do trabalho possibilita a construção de um projeto de vida e favorece a sociabilidade, elementos que contribuem para uma percepção mais humana e menos estereotipada sobre as pessoas com transtornos mentais.

Trabalho e saúde são direitos de todos

Com base no contexto acima, os estudantes da quinta fase do curso de Psicologia da UNIFEBE foram até o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II), localizado em Brusque (SC), para realizar uma entrevista com um dos

mercado de trabalho

usuários da instituição. Nesta conversa sobre saúde mental e trabalho, o entrevistado Vilmar de Souza, 61 anos, divorciado e com ensino fundamental incompleto, relatou que a sua primeira atividade laboral foi aos 10 anos, vendendo picolés, pães e pastéis nas residências. Natural de Brusque, aos 14 anos ele iniciou sua jornada em metalúrgicas, tinturarias, tecelagens e como profissional da coleta de lixo. No seu último emprego, há aproximadamente 20 anos, Vilmar recebeu o diagnóstico de esquizofrenia. Foi, então, afastado do trabalho e hoje é aposentado por invalidez.

Eduardo é irmão de Vilmar e seu cuidador principal. Ele trabalha em casa e consegue conciliar o emprego com os cuidados do irmão, sempre que necessário. Quando não está em período de crises, o usuário consegue realizar suas atividades diárias de forma satisfatória e independente, bem como a administração financeira de sua aposentadoria.

No momento, o auxílio prestado a Vilmar não interfere na rotina da família, já que ele se encontra estável. E, apesar de não conseguir se manter empregado, por conta do estresse e da pressão da vida laboral, Eduardo acredita que uma ocupação faria bem para o irmão e poderia, inclusive, ajudar no tratamento. "Ele sempre foi muito trabalhador. Gostava de trabalhar", afirma.

Quando o trabalho adoece

A profissional de enfermagem do CAPS II, Ana L. E. Scharf, relata que, apesar de a inserção no trabalho apresentar um aspecto terapêutico, em alguns casos se identifica que a própria ocupação profissional é a causa de adoecimento da pessoa. Foi o que aconteceu com Vilmar: o trabalho se tornou um dos elementos de seu sofrimento psíquico.

A realidade do município apresenta o mercado informal como a regra dos sujeitos acolhidos pelo CAPS. O percentual de pessoas que buscam a informalidade constitui-se como a modalidade por excelência, uma vez que o auxílio advindo da Previdência Social é vinculado à prática laboral com registro em Carteira de Trabalho assinada. Além disso, um dos maiores desafios é o estigma que, feito sombra, acompanha os usuários que buscam os meios formais de trabalho. Quando inseridos em regime celetista, eles costumam ocultar o atendimento recebido pelo CAPS, pois julgam a repercussão negativa junto a empresa.

Luana Madruga Thives, Vilmar de Souza (pessoa externa) e Bruna Jativa Macedo

Uma das grandes dificuldades das pessoas com transtornos mentais é a procura de trabalho, levando em conta o preconceito que ainda existe na sociedade, bem como a produtividade exigida pelas empresas. Os indivíduos que recebem um diagnóstico carregam, por vezes, o estigma da incapacidade de produzir e de ter a sua própria dignidade. Quando isso acontece, podem se autodefinir como inferiores ou incapazes, de modo a viver com expectativas de exclusão, convencendo-se de que não têm habilidades suficientes para enfrentar a doença.

Durante a produção deste conteúdo foi consultada a gerente de Recursos Humanos de uma empresa do ramo têxtil, localizada no Vale do Itajaí, que atua há 20 anos no setor e mantém 44 colaboradores ativos. Segundo ela, a empresa não possui projetos de inclusão e ainda existem dificuldades de manejo em situações que envolvam a saúde mental, tendo em vista o preconceito em torno desta temática por parte dos gestores.

Capacitação para o trabalho

De acordo com a enfermeira do CAPS II, para ajudar os indivíduos com diagnóstico de transtorno mental a se sentirem ativos e produtivos na sociedade, a instituição disponibiliza oficinas. Um dos objetivos é a reinserção do usuário no mercado de trabalho, por meio de uma atividade que estimule o desenvolvimento profissional e a geração de renda. Contudo, há ausência de mais projetos que explorem a singularidade dos sujeitos, bem como suas necessidades, habilidades e interesses.

"Portas abertas" é a política de funcionamento do CAPS II. Segundo a enfermeira Ana, todas as pessoas que chegam ao local são acolhidas, tendo suas demandas avaliadas por uma equipe multidisciplinar. A partir desse encontro é feita uma reunião entre os profissionais de saúde, na qual são avaliadas as necessidades e os possíveis caminhos dentro das diferentes instituições existentes. Além do CAPS, há o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) e outras organizações locais. Para aqueles que permanecem no CAPS, é construído, em parceria com os profissionais, o usuário e sua família, o Projeto Terapêutico Singular.

A enfermeira entrevistada relata que frequentemente as pessoas chegam ao atendimento sem manter uma rotina básica e que a melhora passa por este processo. No local, o usuário recebe atendimentos individuais e em grupo. "O tratamento possibilita que os indivíduos consigam desenvolver autonomia e, dentro do seu tempo, se integrar às atividades cotidianas e laborais", conta Ana.

Os acadêmicos da quinta fase do curso de Psicologia salientam a importância da experiência de conhecer a realidade da saúde mental relacionada ao trabalho, no atendimento público de Brusque. Apesar dos avanços e de amplos debates em relação ao tema, os estudantes acompanharam de perto as dificuldades dos usuários e das empresas em fazer com que a inclusão aconteça. A realidade se apresenta como um desafio para acadêmicos e profissionais de Psicologia, ao repensarem suas práticas em busca de uma efetiva transformação social.

Mariana Hingst Goulart, Bruna Jativa Macedo, Brenda Fabiola Monabelle da Silva Fonseca, Ana Luiza Erthal Scharf (pessoa externa) , Luana Madruga Thives e Matheus Henrique Henschel

---

Os trabalhos científicos consultados para esta matéria estão disponíveis na íntegra e podem ser acessados através do QR-Code.

REGIONAL LIBRARY OF MEDICINE – BIREME. Descritores em Ciências da Saúde: DeCS. São Paulo: BIREME/OPAS/OMS, 2017.

MELO, Andréa Miranda Ribeiro de; BREGALDA, Marília Meyer. Abordagem da Temática do Trabalho em um Serviço de Saúde Mental: Reflexões e Apontamentos a partir de um estágio em Terapia Ocupacional. Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, v. 6, n. 1, p. 845-855, 2022.

---

[1] Grasiele Rosvadoski da Silva, Jeisa Benevenuti, Andréia Martins, Gustavo Angeli, Fernanda Germani de Oliveira Chiaratti, Maria Paula Mellito da Silveira, Amilton Fernando Cardoso, Rafael Niebuhr Maia de Oliveira, Karol Diego Carminatti, Gislaine Carpena. [2] Alex Rampelotti, Amanda Montibeller, Amanda Patricia Rosa, Beatriz Kohler, Bianca Busching, Brenda Fabiola Monabelle da Silva Fonseca, Bruna Jativa Macedo, Bruna Moreira Raitz, Carolina de Oliveira, Cathleen Paulo, Euler Hugen, Everton Willian da Cunha, Gabrieli Von Gilsa, Georgia Mueller Peres Kistenmacher, Isadora Motta Boni, João Vitor Della Rosa Raymundo, Júlia Ramos Castanha, Karolina Kistner, Larissa Medeiros, Leandro Rescarolli, Lis Adriane Dalbosco, Luana Madruga Thives, Luciana Genehr da Silva, Luíza Maria Schnaider, Maria Clara Pereira de Brito, Maria Heloisa Laurindo, Maria Lúcia Maffei Moisés, Mariana Hingst Goulart, Matheus Henrique Henschel, Romenigh Rodrigues Oliveira, Sara Maffezzolli dos Santos, Stephanie Louise Woodrow Almendra, Suemy dos Reis Ribeiro, Vitor Afonso Sartori.

Palavra do coordenador

Dr. Osvaldo Quirino de Souza

Coordenador do curso de Medicina da UNIFEBE

MEDICINA

Na qualidade de coordenador do Curso de Medicina da UNIFEBE, venho apresentar a Revista UNIFEBE Saúde e Bem-Estar, que assume conosco a missão de aproximar a comunidade brusquense da informação científica na área médica e de saúde, sempre com qualidade, ética e humanidade.

O curso de Medicina da UNIFEBE, lançado em 2019, teve desde sua concepção, o escopo de estar junto da comunidade, promovendo ações de ensino aos usuários do Sistema Único de Saúde, em diversas Unidades Básicas de Saúde do município, em ambulatórios e, futuramente, nos Hospitais de Brusque e região. Tais atividades buscam, continuamente, mostrar aos nossos alunos que o objetivo primordial da formação médica é a atenção ao ser humano em suas individualidades.

Além disso, considerando que nosso curso tem como missão “formar profissionais médicos comprometidos com a promoção, prevenção, tratamento e recuperação da saúde”, por meio da publicação da Revista, poderemos manter uma comunicação mais próxima dos usuários dos serviços de saúde de Brusque e região, mostrando as diversas ações de atenção e educação em saúde que o curso vem desenvolvendo ao longo dos últimos anos.

Esperamos que, por meio do conteúdo desta revista, possamos adentrar no cotidiano dos cidadãos brusquenses, apresentando nossos alunos, professores e colaboradores do curso, assim como seus projetos na comunidade, com vista à melhoria da saúde e bem-estar do município.

Boa leitura!

Acadêmicos de Medicina EM AÇÃO

Conheça as atividades do IESC, que aproximam estudantes da prática profissional

Professores[1]
Acadêmicos[2]

A disciplina de Integração em Saúde e Comunidade (IESC) faz parte da grade curricular do curso de Medicina da UNIFEBE. É por meio dela que ocorre o primeiro contato dos acadêmicos com o Sistema Único de Saúde (SUS), possibilitando o desenvolvimento nas interações sociais, culturais e de saúde entre a comunidade, os serviços e a formação acadêmica. O IESC proporciona ao estudante uma formação humanizada e que possa atender às dificuldades inerentes ao SUS.

Desde o primeiro semestre o acadêmico está inserido em uma Unidade Básica de Saúde, acompanhado por preceptores médicos e enfermeiros, que desenvolvem atividades em complexidade crescente, do primeiro ao oitavo semestre do curso.

Para a comunidade, a presença dos acadêmicos promove educação, promoção, prevenção e reabilitação em saúde, identificando áreas ou populações em vulnerabilidade. Com isso, os alunos são capacitados a proporcionar melhor qualidade de vida, uma vez que as informações recém-adquiridas em sala de aula são levadas para a prática. O atendimento de qualidade dos estudantes, avaliados pela satisfação dos usuários, possibilita o retorno destes ao serviço e melhora a integração.

Já para os profissionais de saúde da Rede de Atenção Básica, a presença dos acadêmicos permite um ambiente de troca de conhecimento com a equipe, visto que nesta área as informações são atualizadas constantemente. Os profissionais de saúde sentem-se valorizados ao terem a oportunidade de contribuir com a formação de futuros médicos. Além disso, a presença do estudante de Medicina pode ser um fator propulsor na habilidade de refletir, criticamente, sobre o próprio raciocínio e decisões. Isso porque motiva o profissional a realizar bem os serviços prestados e a revisar seus conhecimentos. Concomitantemente, ocorre uma redução do automatismo da prática e estimula o raciocínio analítico e a capacitação continuada.

Qual a importância da atuação dos acadêmicos do curso de Medicina nas atividades da UBS?

A atuação é uma aliança vantajosa para ambos os lados, porque as demandas da população são muitas e, quanto mais pessoas dispostas a fazer o sistema funcionar, melhor, principalmente aqui no bairro Águas Claras, que tem muitas áreas vulneráveis.

Altemir Félix do Nascimento
Agente de Saúde UBS Águas Claras

Qual a contribuição do IESC no seu processo de aprendizagem?

O IESC agrega muito na vida acadêmica, de forma positiva, em como lidar com as diferentes realidades sociais da região, favorecendo o vínculo com o paciente e conhecendo suas diversas formas de vulnerabilidade. Além disso, contribui na vida pessoal, nas relações que desenvolvemos com a equipe toda, favorecendo um ambiente confortável de trabalho.

Camila de Sousa Almeida
Acadêmica de Medicina

Qual a importância do IESC para o serviço de saúde?

O que mais acrescenta para a Unidade de Saúde é o olhar dos alunos, depois de entender o funcionamento local. As contribuições e sugestões que vão surgindo ajudam nas melhorias validadas, tanto na dinâmica do atendimento, quanto nas atividades que realizamos diretamente ao paciente. A presença de estudantes no cenário de prática faz com que nós, profissionais, nos renovemos, porque enquanto ensinamos, revemos o que aprendemos.

Cleber da Silva Mossini
Enfermeiro UBS Paquetá

Qual a importância das atividades desenvolvidas no ciclo clínico?

A Medicina de Família e Comunidade é de extrema importância na formação dos acadêmicos, por trazer uma visão ampliada do paciente para o aluno, integrando diversas disciplinas no mesmo caso clínico. Assim, faz com que o acadêmico aprenda mais e relacione o conhecimento teórico com a prática.

Dra. Débora Assunção Aguiar
UBS Paquetá

Qual a importância do IESC para os serviços de saúde e para o acadêmico do Curso de Medicina?

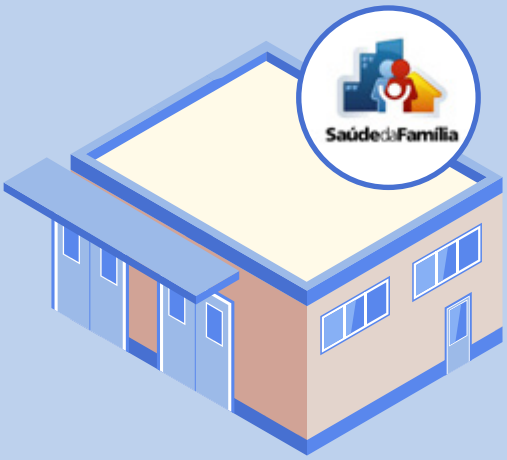
O acadêmico fortalece seu aprendizado, trabalhando com contextos reais. É uma proposta motivadora, pois fomenta o trabalho em equipe e a visão humanística do médico. Todos ganham com essa atuação dos futuros profissionais nas mais diversas esferas da saúde no município, pois eles somam forças aos profissionais em exercício, e o paciente passa a contar com mais um apoio durante o seu atendimento.

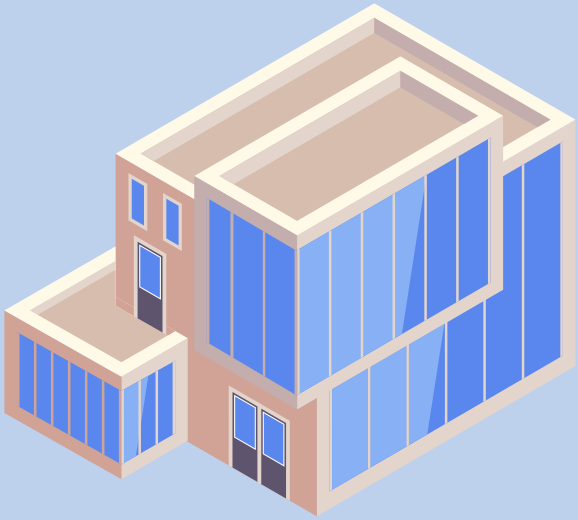
Dr. Osvaldo Quirino de Souza
Coordenador do curso de Medicina e Secretário de Saúde de Brusque

[1] Juliana Chaves Costa e Julia Wakiuchi. [2] Alessandra Zucco, Ana Julia Bressanelli, Bethina Plautz Gorris, Bruno Arnon Bittencourt, Camila Oenning, Caroline Ribeiro Zaianz, Eduarda Gonçalves, Geovana Morais Biscaia, Juliana Bodanese, Larisse Vogelsanger, Marcela Soares Cerutti, Maria Eduarda Calixto, Martina França, Natan Arthur Debatin, Rhaylan Consanter, Saskya Blanda Kormann Schwanke e Thamiris Yumi Inoue.

A Rede de Atenção à Saúde

A Rede de Atenção no município de Brusque está organizada nos níveis: primário, que são as Unidade Básicas de Saúde; secundário, que são os serviços de especialidades ambulatoriais e UPA; e terciário, que são os hospitais.





Quando procurar a Unidade Básica de Saúde?

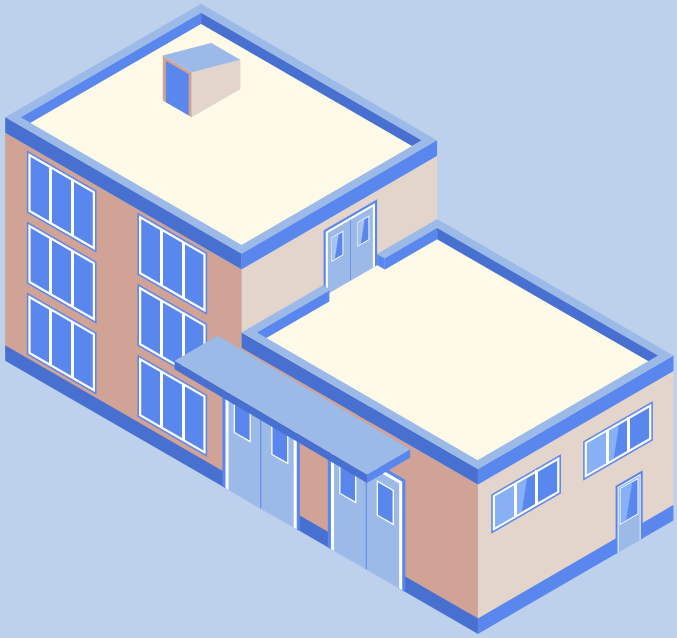
Para realização de vacinas, troca de curativos, testes rápidos, acompanhamento de saúde, renovação de receitas, encaminhamento às especialidades e acompanhamento odontológico. Sintomas: gripe, resfriado, dor de garganta, diarreia, dor de cabeça leve, suspeita de Covid, suspeita de dengue, unha encravada, pequenos cortes, queda de pressão, pressão alta, ansiedade e demais casos de menor gravidade.

Quando procurar os serviços ambulatoriais e policlínica?

Ambulatório e policlínica: para diagnóstico e tratamento com especialista.
A Policlínica também funciona como um Pronto Atendimento para casos de febre alta, diarreia, dor de cabeça moderada, suspeita de dengue, pequenos cortes, queda de pressão, pressão alta, ansiedade e demais casos de média gravidade.

Mais informações

Hospital Arquidiocesano Cônsul Carlos Renaux
Rua Azambuja, 1089, Bairro Azambuja. Brusque – SC.
(47) 3396-2200/ (47) 3354-4809



Quando procurar o Hospital?

Situações de urgência e emergência: pressão alta, dor no peito, dor de cabeça intensa, fratura, febre alta, corte, infarto e casos que necessitam de cirurgia, internação, exame de imagem, maternidade e exames mais complexos.

Quando ligar para o SAMU (192)

O Samu atende urgências médicas: dor no peito de aparecimento súbito, intoxicação e envenenamento, trabalho de parto, queimadura grave, acidente grave, problema respiratório grave, tentativa de suicídio, perda da consciência, hemorragia/ sangramento.

Quando ligar para o BOMBEIRO (193)

Os Bombeiros se dedicam às vítimas de acidentes graves e situações de emergência: incêndio, acidente de trânsito, queimaduras, engasgo, choque elétrico, salvamento aquático, desabamento, deslizamento, enchentes, inundações, tentativa de suicídio.

Hospital e Maternidade Dom Joaquim
Rua Botuverá, 202, Bairro Dom Joaquim. Brusque – SC.
(47) 3351-0035

Unidades Básicas de Saúde
portal.brusque.sc.gov.br

Secretaria de Saúde de Brusque
Rua Pref. Germano Schaeffer, 66, Centro 1. Brusque – SC.
(47) 3255 - 6800

SUA CIDADE,
SUA UNIVERSIDADE!
UNIFEBE
É NOSSA. É DAQUI.
Venha para a melhor, estude na UNIFEBE.
O conhecimento que produzimos aqui, retorna para a comunidade em forma de inovação, desenvolvimento e qualidade de vida para a nossa região.
BRUSQUE/SC

PSICOLOGIA

O curso de Psicologia da UNIFEBE tem como missão formar profissionais para compreender o comportamento e, com ética, diagnosticar, prevenir e tratar distúrbios emocionais e mentais. Na graduação, nossos acadêmicos de Psicologia começam a atuar na área, atendendo à população na Clínica Escola e Serviços de Psicologia (CESP). Com a orientação e acompanhamento de professores, eles têm contato direto com situações reais e podem aplicar o que aprendem em sala de aula.

DURAÇÃO
10 semestres

HORÁRIOS
Noturno

COORDENAÇÃO
Prof. Ademir Bernardino da Silva
psicologia@unifebe.edu.br

DIFERENCIAIS

- Corpo docente qualificado, com ampla experiência profissional e sólida formação acadêmica;
- Oportunidade de desenvolvimento de Projetos de Iniciação Científica, Extensão e Publicações;
- Clínica Escola e Serviços de Psicologia;
- Prestação de Serviços de Psicologia à comunidade;
- Dinâmicos Laboratórios de Atendimento Clínico Assistido;
- Núcleo de estudos em Avaliação Psicológica;
- Disciplinas com atividades práticas para o desenvolvimento de competências;
- Opção de Ênfase em: Psicologia e Processos de Prevenção e Promoção em Saúde ou Psicologia e Processos de Gestão.

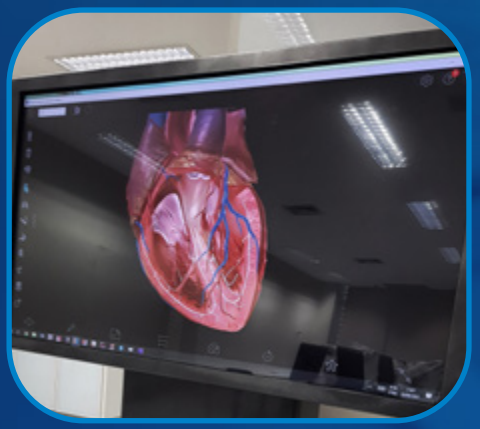
LEIA O QR CODE E CONHEÇA MAIS

VISITE A PÁGINA

ASSISTA O VÍDEO

MEDICINA

O curso de Medicina da UNIFEBE tem como missão formar profissionais para atuar e intervir na atenção, gestão e educação em saúde, com responsabilidade, competência e humanização. Nosso objetivo é formar profissionais que possuam conhecimentos, habilidades e atitudes que possibilitem sua interação e atuação no âmbito dos diversos campos de atuação em saúde, tendo como beneficiários os indivíduos e a comunidade, promovendo a saúde para todos. Durante o curso, o aluno trabalha com metodologias ativas de ensino-aprendizagem, que possibilitam mais interação entre professores e alunos e mais aproximação com a prática, além de fomentar o desenvolvimento de postura ética, senso crítico, habilidade reflexiva e aprofundamento de conhecimentos relacionados à prática profissional.



DURAÇÃO
12 semestres

HORÁRIOS
Integral

COORDENAÇÃO
Dr. Osvaldo Quirino de Souza
medicina@unifebe.edu.br

DIFERENCIAIS

- Corpo docente qualificado, com ampla experiência profissional e sólida formação acadêmica;
- Oportunidade de desenvolvimento de Projetos de Iniciação Científica, Extensão e Publicações;
- Uso de instrumentos pedagógicos diversificados, com destaque para as metodologias ativas de ensino, que protagonizam o aluno enquanto partícipe do seu aprendizado;
- Integração entre teoria e prática desde os primeiros semestres do curso;
- Bloco específico para a área da Saúde com laboratórios de última geração, que permitem mais aproximação do aluno com a realidade de atuação profissional;
- Laboratório morfofuncional com microscópios, modelos anatômicos, mesa de simulação em 3D e laboratórios de simulação realística com robôs;
- Matriz curricular sólida, baseada em escolas de medicina bem-conceituadas no país, a partir das notas do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) e do Conceito Preliminar de Curso (CPC);
- Enfoque no desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que possibilitem a formação de profissionais éticos, críticos, reflexivos e com conhecimentos aprofundados em seu meio.

LEIA O QR CODE E CONHEÇA MAIS

VISITE A PÁGINA

ASSISTA O VÍDEO

FISIOTERAPIA

O curso de Fisioterapia da UNIFEBE forma profissionais conscientes de seu papel na sociedade, aptos para desenvolver atividades de promoção, prevenção, proteção e reabilitação em todos os níveis de atenção à saúde, exercendo atividades de liderança, tomando decisões de forma crítica, pautadas nos preceitos éticos, bioéticos e no rigor científico.

DURAÇÃO
10 semestres

HORÁRIOS
Noturno

COORDENAÇÃO
Profª. Leilane Marcos
fisioterapia@unifebe.edu.br

DIFERENCIAIS

- Corpo docente qualificado, com ampla experiência profissional e sólida formação acadêmica;
- Oportunidades de desenvolvimento de Projetos de Iniciação Científica, Extensão e Publicações;
- Uso de instrumentos pedagógicos diversificados, com destaque para as metodologias ativas de ensino, que protagonizam o aluno enquanto partícipe do seu aprendizado;
- Integração entre teoria e prática desde os primeiros semestres do curso;
- Bloco específico para a área da Saúde com laboratórios de última geração, que permitem maior aproximação do aluno com a realidade de atuação profissional;
- Laboratório morfofuncional com microscópios, modelos anatômicos, mesa de simulação em 3D e laboratórios de simulação realística com robôs.

LEIA O QR CODE E CONHEÇA MAIS

VISITE A PÁGINA

ASSISTA O VÍDEO

ED. FÍSICA

O curso de BACHARELADO em Educação Física da UNIFEBE forma profissionais aptos para atuar com o exercício físico, no esporte, na recreação e lazer, na gestão dos esportes, na dança, nas lutas, na ginástica, na saúde coletiva e no enriquecimento cultural da sociedade para adoção de um estilo de vida ativo e saudável. Já o curso de LICENCIATURA em Educação Física prepara o profissional para atuar na Educação Básica nos contextos da motricidade humana, movimento humano, cultura do movimento corporal, atividade física e no exercício físico. O profissional de Educação Física possui amplo mercado de atuação. O licenciado em Educação Física pode atuar em escolas, desde a educação básica à superior. E o bacharel pode atuar em academias, organizações esportivas, clubes e empresas.

DURAÇÃO
8 semestres

HORÁRIOS
Integral

COORDENAÇÃO
Prof. João Derli de Souza Santos
educacaofisica@unifebe.edu.br

DIFERENCIAIS

- Corpo docente qualificado, com ampla experiência profissional e sólida formação acadêmica;
- Oportunidades de desenvolvimento de Projetos de Iniciação Científica, Extensão e Publicações;
- Laboratório de Ciências da Saúde;
- Laboratório de Movimento Humano;
- Laboratório da Saúde e Exercício.

LEIA O QR CODE E CONHEÇA MAIS

VISITE A PÁGINA

VISITE A PÁGINA
Bacharelado

ASSISTA O VÍDEO

FISIOTERAPIA

Palavra da coordenadora

Prof. Leilane Marcos

Coordenadora do curso de Fisioterapia da UNIFEBE

A Fisioterapia tem como essência a recuperação do movimento humano. Nesse sentido, a proximidade do profissional de seus pacientes é intensa e fundamental para promover esta recuperação. Assim, formar fisioterapeutas que tenham o olhar para o cuidado e que percebam as necessidades das pessoas e da comunidade se faz necessário e representa uma grande missão da UNIFEBE.

A curricularização da extensão vem ao encontro disso, pois promove esta relação da academia com a comunidade e suas necessidades. Quando se pensa nas pessoas com deficiência, percebe-se mais ainda a necessidade da atenção do fisioterapeuta que não só se reabilita, mas também colabora na adaptação e até na prevenção, no que tange as deficiências motoras.

Propiciar este espaço aos acadêmicos de Fisioterapia, desde o início da graduação, por meio de atividades de extensão que os levem a campo para ver, perceber e aprender com quem, de fato, necessita de seus cuidados. Ganha a comunidade, que tem acesso às intervenções baseadas nas melhores evidências científicas, ganham os acadêmicos, que aprendem a cuidar e a entender a importância da inclusão das pessoas com deficiência em todos os espaços.

VENCENDO LIMITES

A fisioterapia transforma a vida de pessoas com deficiência

2022© UNIFEBE

Professores[1]
Acadêmicos[2]

Alfredo Laurentino tem deficiência motora. Ele foi vítima de um acidente de trânsito, em junho de 2018, quando foi necessário amputar sua perna direita. Desde então, precisou se adaptar ao uso da prótese mecânica.

Alfredo faz parte de uma estatística: 20% das amputações de origem traumática são em decorrência de acidentes de trânsito. Para ele, a limitação física interferiu nos momentos de lazer, o que reforçou seus motivos para buscar a fisioterapia e a reabilitação. Além disso, o apoio da família foi fundamental no processo de recuperação, atesta ele, com olhos cheios de lágrimas, mas com um grande sorriso no rosto.

Já Manuela Pereira tem síndrome de Down. A descoberta da deficiência foi informada aos pais logo que a menina nasceu. Aos três meses de vida, Manu iniciou a fisioterapia, o que trouxe grande evolução em termos de desenvolvimento.

Ela frequentou a escola, com o apoio de um professor assistente. Com respeito, foi acolhida pelos colegas de classe. Hoje, ela comemora o fato de ser totalmente independente nas atividades cotidianas.

O papel da fisioterapia

Na atuação fisioterapêutica há níveis de prevenção e tratamento, e as pessoas com deficiência têm o direito da prioridade. Isso está previsto na Lei 13146/15, artigo 8, no qual se destaca: "é dever do Estado, da sociedade e da família, assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade".

Já o trabalho do fisioterapeuta é regido pelo Código de Ética, que prevê a garantia do bem-estar dos pacientes, respeitando seus conceitos morais e sua cultura social, considerando os fatores físicos, psicológicos e sociais. É com este ideal, de prestar um serviço de qualidade, que contribua para a vida das pessoas, que a atuação do fisioterapeuta é realizada.

A recuperação e adaptação do movimento garantem o acesso, a liberdade e o convívio social do indivíduo. Assim, é fundamental que as pessoas com deficiência tenham à disposição um atendimento fisioterápico, conforme estabelece a Lei Federal. Por essa razão, serviços de fisioterapia integram os serviços de atenção básica, de forma gratuita, a todos os cidadãos.

Cabe ao fisioterapeuta utilizar seu Código de Ética, bem como as leis federais, para desempenhar um trabalho de qualidade e igualitário, tendo um atendimento sem restrições.

Abordagem terapêutica

A fisioterapeuta, Dra. Kariny Polyana Moraes, é pós-graduada em Fisioterapia em Pediatria e Neonatologia. Ela atua no atendimento às pessoas com deficiência e relata que os pacientes chegam à clínica com muitas dúvidas e receios. Por isso, para a profissional, a comunicação é essencial no processo de reabilitação.

"Gosto de deixar todos os pacientes cientes da situação e de até onde podem chegar, qual o quadro clínico e quais os tipos de tratamento conhecidos. Tento resolver tudo no diálogo, com muita paciência, pois é uma situação difícil, que deve ser abordada com profissionalismo. O tratamento é do paciente como ser humano, e não apenas da doença", esclarece.

No que diz respeito às terapias de pessoas com deficiência, Dra. Kariny diz: "É indispensável que o profissional esteja preparado para lidar com os diversos fatores que englobam a condição do paciente, visto que este profissional é um dos mais envolvidos com o tratamento e, por conta do contato físico, acaba se estabelecendo um vínculo entre ele e o paciente".

Segundo dados levantados em 2019, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 45 milhões de pessoas têm algum tipo de deficiência, o que representa quase 25% da população do país. Possibilitar o acesso às ações de promoção, diagnóstico e tratamento precoce, bem como fortalecer políticas públicas direcionadas a esta população é fundamental. A medida evitaria agravos de quadros, oferecendo a reabilitação da capacidade funcional e contribuindo para a inclusão social das pessoas com deficiência. A intenção é de proteger e garantir o cuidado, promovendo a igualdade e a justiça, perante a sociedade.

Quem são as pessoas com deficiência?

Segundo a Convenção das Nações Unidas, "pessoa com deficiência" é a forma correta de denominar um indivíduo com qualquer tipo de deficiência. Termos pejorativos como "portadores de deficiência" ou "pessoas com necessidades especiais" não são mais utilizados. Ainda de acordo com a Convenção, estes termos criam barreiras denominativas, que transmitem uma imagem negativa ou inferiorizada do indivíduo.

Conscientizar sobre a forma correta de denominar é essencial para incluir a pessoa com deficiência, reconhecendo sua importância na sociedade, transformando os ambientes, eliminando obstáculos e atitudes que impedem sua participação social.

Considera-se que uma pessoa tem deficiência quando há algum impedimento de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas.

A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), criada em 2001, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), estabelece uma abordagem de múltiplas perspectivas no entendimento da deficiência. Assim sendo, a fisioterapeuta Aline Missel, em seu artigo "Humanização da saúde e inclusão social", afirma que uma deficiência não é baseada somente na patologia mas também no contexto ambiental e em fatores pessoais.

Um país mais acessível

"Ampliar o acesso e qualificar o atendimento às pessoas com deficiência temporária ou permanente; progressiva, regressiva ou estável; intermitente ou contínua no Sistema Único de Saúde (SUS)" é o objetivo da Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência, instituída pela Portaria 793, de 24 de abril de 2012.

Alguns dos objetivos da implantação da rede, listados pelo Governo de Santa Catarina em 2018 são: reabilitação de deficiência auditiva, física, intelectual, visual e múltiplas deficiências; promover ações que possam identificar precocemente as deficiências, desde a fase pré-natal até a vida adulta; aumentar a oferta de órtese, prótese e meios auxiliares de locomoção (OPM); promover a reinserção das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, em conjunto com órgãos de assistência social; promover ações de promoção de saúde, articuladas com organizações governamentais e a sociedade civil; e difundir informações sobre o direito das pessoas com deficiência.

A habilitação/reabilitação da pessoa com deficiência ocorre por meio de medidas que visam desenvolver ou ampliar a capacidade funcional e de desempenho, que possam trazer autonomia e participação social com igualdade. Esse processo conta com equipes multiprofissionais (assistentes sociais; enfermeiros; fisioterapeutas; médicos; psicólogos) e possui Centros Especializados em Reabilitação (CER). O acompanhamento prioriza as necessidades de cada indivíduo, considerando o impacto da deficiência sobre sua funcionalidade, além dos fatores emocionais, ambientais e sociais, de acordo com a cartilha disponibilizada pelo Ministério da Saúde (2020).

Referenciando o artigo da fisioterapeuta Aline Missel, no processo de reabilitação de pessoas com deficiência, é preciso reconhecer que se está diante de um indivíduo atuante e com inúmeras capacidades no meio em que vive, ao mesmo tempo em que se distancia do pensamento estigmatizado de um corpo limitado patologicamente. A humanização no atendimento deve ser primordial, embora, muitas vezes, se torne um fator incompreendido por inúmeros profissionais da área da saúde.

Diretrizes da Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2020):

- Promoção da qualidade de vida das pessoas com deficiência;
- Assistência integral à saúde da pessoa com deficiência;
- Prevenção de deficiência;
- Ampliação e fortalecimento dos mecanismos de informação;
- Organização e funcionamento dos serviços de atenção às pessoas com deficiência;
- Capacitação de recursos humanos.

Os trabalhos científicos consultados para esta matéria estão disponíveis na íntegra e podem ser acessados por meio do QR-Code

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da Pessoa com Deficiência. Brasília, 30 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Rede de Cuidados a Pessoas com Deficiência. Brasília: Editora MS/CGDI/SAA, jan. 2013.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Saúde. Rede de cuidados à pessoa com deficiência. 28 jun. 2018.

MISSEL, Aline; COSTA, Cassia Cinara; SANFELICE, Gustavo Roese. Humanização da saúde e inclusão social no atendimento de pessoas com deficiência física. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 575-597, maio/ago. 2017.

---

[1] Aline Bernardes de Souza, Anderson Savaris Ribas, Marcelo Rocha Soares da Silva, Tabata Talita Hoffmann e Thiago Correa. [2] Alicia Pedrini Tachini, Ana Julia Schmitz, Ana Laura Tarter, Anderson Alex dos Santos Costa, Barbara Machado Flores, Beatriz Eduarda Moura dos Santos, Bruna Bosio Claudia Maria Mafra, Danieli Coelho, Debora Rosa Lebeck, Djenifer Cristy Carneiro Fortunato, Eloisa Gilli Longen, Felipe Rodrigues Santos, Francieli Battisti, Gabriela Noldin, Gabrielle Külkamp Gonçalves, Jamyle Bonfante, João Pedro dos Santos Alves, José Antônio Mafessoli, Jose Daniel Silva Junior, Júlia de Modesti Pereira, Karoline Borderes, Kelvin Meneghelli, Laiana Vicentini, Laura Boss Cesari, Laura Helena Becker, Leticia Marques, Lucas Brito de Campos, Manuela Cosmo de Oliveira, Maria Eduarda Foppa, Maria Eduarda Kuhn Debrassi, Mickaelly Mafra, Milena de Jesus Alcantara, Murilo Antonio Monteiro Moraes, Nathan Foppa Fantini, Pedro Henrique Borchartt da Silva, Rafaela Ristow, Sabrina Klabunde, Sarah Cristina Lange, Seloneide Richard de Souza De Oliveira, Vinicius Schulle Da Silva e Vitoria Vicentini Silva.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Palavra do coordenador

Dr. João Derli de Souza Santos
Coordenador do Curso de Educação Física e Professor

A revista da UNIFEBE é fruto de um trabalho cuidadoso da Instituição, por meio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. A revista tem como objetivo ser um projeto para divulgar a Curricularização da Extensão dos Cursos da área de Saúde. Como ponto de partida, os professores e acadêmicos do curso de Educação Física, durante a realização da Curricularização da Extensão, foram estimulados a desenvolver temáticas aglutinadas em três textos. No primeiro, apresentamos a Universidade e a Formação Profissional como espaço de inclusão social. Nessa abordagem, realizamos um estudo com um egresso surdo e uma acadêmica autista. O segundo artigo versa sobre o esporte como meio de inclusão social e saúde, discorrendo sobre um atleta deficiente físico paraolímpico de ciclismo, representando a comunidade. Por fim, na terceira matéria, é relatada a inclusão de deficientes no ambiente profissional, envolvendo colaboradores da UNIFEBE, um deficiente visual e um deficiente auditivo. Os textos pretendem oferecer aos leitores reflexões importantes sobre a inclusão da pessoa com deficiência no meio acadêmico, nos esportes de rendimento e no ambiente profissional. Os textos apresentados nesta revista fazem com que se vislumbre novas perspectivas a respeito da inclusão do deficiente na sociedade.

A universidade como caminho para a INCLUSÃO Social

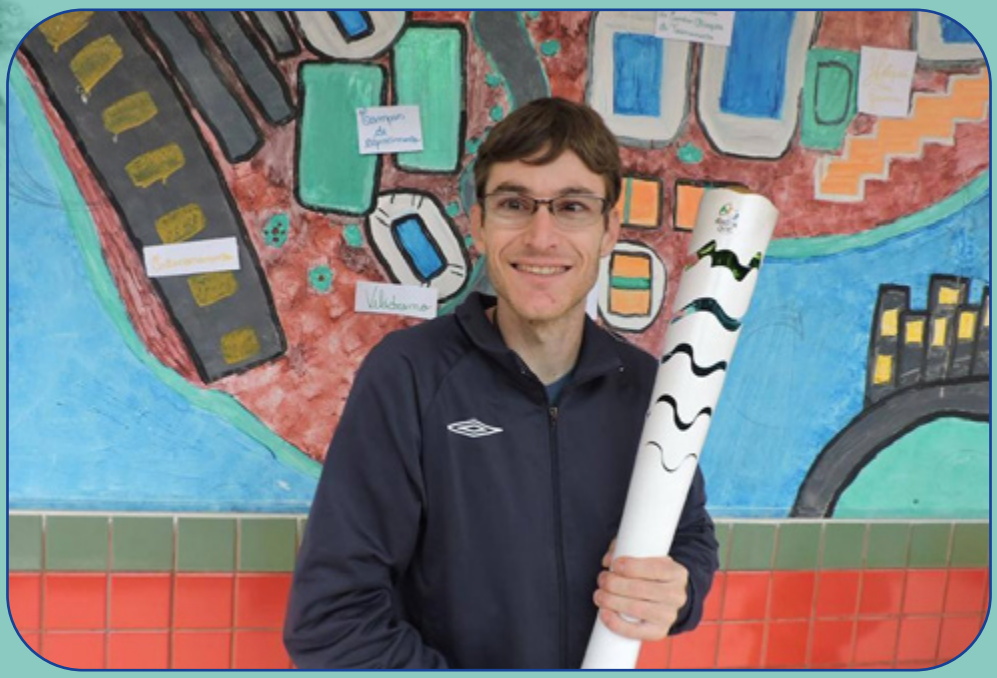
Acadêmicos com deficiência relatam suas experiências na UNIFEBE

Professores[1]
Acadêmicos[2]

Para compreender a possibilidade de inclusão social oportunizada pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), os acadêmicos da primeira fase do curso de Educação Física conversaram, em maio de 2022, com duas pessoas com deficiência que frequentam a instituição. Um deles é o egresso Diego Becker, que mora em Brusque, no bairro Dom Joaquim. Ele conta que sua deficiência auditiva é consequência da rubéola contraída pela mãe, durante a gestação.

Diego cursou sua graduação na UNIFEBE no período de 2007 a 2010. Desde a infância ele é muito dedicado aos estudos e exigente consigo, buscando ao máximo ser pontual e frequente às aulas, com o objetivo de obter excelentes notas. Diego utiliza aparelho auditivo, com o qual consegue ouvir e compreender razoavelmente o que se fala. Por isso, não faz uso da Língua Brasileira dos Sinais (Libras).

No mercado de trabalho, o egresso já atuou como professor em algumas escolas. Mas, atualmente, não exerce essa função. Hoje, temporariamente, Diego trabalha com o conserto de computadores, pois possui grande conhecimento na área de informática.



Diego Becker diz que seus hobbies são viajar; acampar no topo do morro, trabalhar e assistir a filmes em casa. Durante a entrevista, ele citou com carinho o nome de alguns professores de graduação: Adonis, Fabico, Zoboli, Derli, Claiton, Altair, Marco, George e Augusto

Diálogo possível

Durante a entrevista, em muitos momentos, foi necessário o uso da escrita para a comunicação mais clara e assertiva com o entrevistado. As perguntas também foram respondidas por escrito, tendo complementações verbalizadas. Nas respostas abaixo, a opção foi pelo texto literal, com comentários que facilitam a compreensão.

Acadêmicos de Educação Física: Qual foi sua motivação para ingressar em um curso de graduação?

Diego Becker: *Fui ingressar o processo seletivo que passou classificar o curso de Educação Física e eu vou estudar melhor a disciplina que eu sabe o futuro. Os melhores professores são bons. Havia ler, estudar, ver os slides".*

Comentário: Diego indica que foi aprovado no processo seletivo e que, assim, poderia estudar Educação Física, que acredita ser uma profissão promissora para seu futuro. Além disso, ele comenta que os professores eram bons para sua formação e que estudou lendo e apoiando-se nos materiais didáticos.

Acadêmicos de Educação Física: Você se sente excluído em seu convívio social?

Diego Becker: *Eu trabalha, quebra a barreira. Como o professor trabalha muito bom, que os alunos mais atenção ao professor e observação da turma".*

Comentário: Diego menciona que não sofre preconceito. Ele parece indicar que se o trabalho do professor for bom, os alunos prestarão atenção. Por isso, buscava observar bem suas turmas.

Acadêmicos de Educação Física: Você desejava cursar Educação Física? Era o seu sonho?

Diego Becker: *Sim.*

Comentário: Diego relata ainda que queria mudar de profissão e ser professor pelos benefícios que percebia neste ofício.

Acadêmicos de Educação Física: Você acredita que a universidade lhe serviu como um meio de inclusão social?

Diego Becker: *Acredito que sim, porque os estudantes estão passar na faculdade que tem mais. Têm mais pessoas que trabalhar e que vi nas paraolimpíadas.*

Comentário: Diego indica que a universidade contribuiu para constatar que havia mais pessoas com deficiência e que, de algum modo, ele se inspirou nas Paraolimpíadas, nas quais os atletas superam suas deficiências.

Acadêmicos de Educação Física: Quais os benefícios que a universidade lhe proporcionou?

Diego Becker: *Fui ajudar bastante na secretaria acadêmica e coordenador João. Adonis faz, foi um projeto de BrinCação.*

Comentário: O egresso menciona a ajuda que recebeu, durante a graduação, do coordenador do curso de Educação Física, João Derli de Souza Santos, e da Secretaria Acadêmica. Quando menciona o professor Adonis Lisboa, refere-se ao grupo de estudos do qual participou durante bastante tempo, chamado BrinCação, o qual tinha como focos principais os brinquedos cantados (músicas infantis) e a psicomotricidade.

Acadêmicos de Educação Física: Você gostaria de deixar alguma mensagem para as pessoas sobre sua trajetória de vida?

Diego Becker: *Sim. Aos acadêmicos e professores, precisamos futuros às pessoas com deficiência, que poderá estudar e trabalhar, qualquer coisa sem preconceito. A gente conversa aos professores docentes, que estão ótimos e ajuda comigo, com a minha dificuldade, com a disciplina e avaliação. E não há nota baixa. Aí qual difícil cópia os xerox e estude muito e começou novos equipamentos (projetor) ainda eu gosto e fácil os slides".*

Comentário: Em síntese, sua mensagem é de incentivo às pessoas com deficiência, indicando que é possível estudarem e trabalharem sem sofrerem preconceito. Diego menciona também que recebeu ajuda dos professores em seu percurso formativo e que os equipamentos e materiais didáticos foram importantes para sua aprendizagem.

---

[1] Adonis Marcos Lisbôa e Andre Boscatto [2] Ana Aline Arruda Alves, Ana Luiza Cardoso, Beatriz Nunes Pereira, Bernardo Testoni, Diego Theiss, Eduardo Antonio Huppes Alba, Eloise Schappo, Evanilce Ribeiro dos Santos de Oliveira, Gabriel Dias, Ijankel Sewald, Iliana Torresani Groh, Jaison Ferreira Bairro, Jaqueline Molinari Pedrini, João Mathias Neto, Jonas Pereira, Josué Assink, Júlia Booz Fantini, Laisa Lieny de Jesus, Larissa Heloisi dos Santos, Leonardo Petermann Bambinetti, Maisa Klabunde, Matheus Bernardo Macedo Vicente, Matheus Ferreira, Orlando Voss Neto, Priscila Angelica Kieling, Rafael Paes Henrique, Sofia Geanesini Felix, Suzani Caroline Deziderio, Thiago Morelli, Vera Lucia Goês, Vinicius Alves e Vinicius de Oliveira Rolinski.

Adaptar para incluir

Na próxima entrevista, as respostas são de um acadêmico autista, que preferiu não ser identificado. O conteúdo foi transcrito de forma literal

Acadêmicos de Educação Física: Qual foi sua motivação para ingressar em um curso de graduação? Era o seu sonho?

Fonte TEA: Sempre quis ser professora, desde de criança, mas nem sempre soube de qual matéria eu queria ministrar. Por conseguinte, me identifiquei com a Arte, e, mais tarde, com a Educação Física. No meu último ano do Ensino Médio, pesquisei as faculdades da região que disponibilizavam um dos cursos ou ambos e visitei as instituições que achei interessantes na época. Planejava, primeiramente, cursar Artes Visuais e, mais tarde, Educação Física. Mas meus planos mudaram quando visitei a UNIFEBE, pela forma com que me atenderam. Me senti muito bem acolhida.

Acadêmicos de Educação Física: A universidade lhe serviu como um meio de inclusão social?

Fonte TEA: Sim, pois oferece suporte ao estudante em relação à inclusão e acessibilidade, transporte, entre outros.

Acadêmicos de Educação Física: Quais os benefícios que a universidade lhe oportunizou?

Fonte TEA: A oportunidade de crescer profissionalmente e pessoalmente e o transporte para o SESI.

Acadêmicos de Educação Física: Você necessita de adaptação para se organizar nos estudos, dentro e fora da sala de aula?

Fonte TEA: Sim, o meu método consiste em gravar as aulas com a permissão do professor e esse recurso é de uso pessoal. Faço anotações, mas isso é uma tarefa que exige concentração. Percebo que, muitas vezes, me distraio durante a aula, em consequência do barulho que está tendo ao meu redor. Mesmo que seja baixinho, às vezes estou mais sensível ao barulho. Em termos de aprendizagem isso me prejudica, dificulta a minha concentração.

Acadêmicos de Educação Física: Há algo que te deixa desconfortável em sala de aula ou no próprio *campus*?

Fonte TEA: O barulho em sala de aula e no, início do semestre, o cheiro das substâncias usadas no laboratório de anatomia.

Acadêmicos de Educação Física: Você gostaria de deixar alguma mensagem para as pessoas sobre sua trajetória de vida?

Fonte TEA: Muitas pessoas não conseguiram alcançar seu objetivo porque desistiram no meio do caminho.

Comentário: As respostas de ambos os entrevistados corroboram com o que foi apresentado na introdução deste texto, ou seja, que a UNIFEBE, foi e pode ser, um meio profícuo de inclusão social.

Da inclusão ao pódio, o PODER do esporte

No auge da carreira de ciclista, um acidente transformou Soelito Gohr em uma pessoa com deficiência

2022© UNIFEBE

Professores[1]
Acadêmicos[2]

A prática de esportes é uma forte ferramenta para a inclusão social. Ela contribui em diversos aprendizados, não só motores, como também cognitivos. Aprendizados estes que contribuirão para a formação do indivíduo e que são capazes de abrir oportunidades para toda a vida. Tais aprendizados geram valores que auxiliam na inclusão social, por meio do fortalecimento da autoestima e da formação de um indivíduo mais consciente de si.

Nelson Mandela defendia o poder do esporte como método de inclusão social. Nas palavras dele "o esporte tem o poder de mudar o mundo. Tem o poder de inspirar, tem o poder de unir as pessoas de um jeito que poucas coisas conseguem".

Praticar esportes é não só cuidar da saúde do corpo, mas também da mente, e isso invariavelmente influencia no futuro de uma criança ou de um jovem.

A contribuição do Paradesporto

A Secretaria Nacional de Paradesporto (SNPAR) considera que a modalidade "é uma excelente estratégia para construção dos conceitos de inclusão plena da pessoa com deficiência pois, por meio do esporte, os valores e capacidades são redefinidos e a aceitação das diferenças tornam-se naturais dentro da sociedade".

O conceito de Paradesporto é bastante amplo e engloba todas as manifestações da prática de algum esporte por uma pessoa com deficiência, independente da modalidade escolhida, do tipo ou nível da deficiência. O artigo 42 da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) prevê que a pessoa com deficiência tem direito ao esporte em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

Diante disso, o curso de Educação Física da UNIFEBE tem a preocupação de formar futuros profissionais para ofertar atividades de preparação para o esporte e o paradesporto, na promoção da inclusão social e o desenvolvimento de direitos de acesso e oportunidades de crianças, jovens e adultos com deficiência, atletas e ex-atletas paraolímpicos.

Destaque mundial

O brusquense Soelito Gohr tem 48 anos e é um dos maiores nomes do ciclismo no Brasil. Após um grave acidente, ele passou a competir como paratleta e, ao longo de anos, acumulou diversas conquistas, além de participações em Paraolimpíadas, na qual também se destacou.

Soelito é atleta de ciclismo desde 1986 e foi campeão catarinense em diversas categorias. Em 1995, no meio dessa trajetória, ele sofreu um grave acidente, após retornar de um treino. O ciclista foi atropelado por um veículo e teve ruptura de ligamentos do braço e ombro, o que resultou em 15 dias internado e mais dois anos de recuperação. Mesmo com uma lesão permanente e tendo ficado longe da bicicleta, Soelito não se afastou do esporte e das competições.

Como paratleta, ele continuou conquistando títulos nacionais e internacionais, com participações em vários Mundiais, Pan-Americanos e Paraolimpíadas, em especial a de Pequim, em 2008. Além disso, recebeu o prêmio de melhor paratleta nacional em 2011, uma homenagem feita pela Confederação Paraolímpica Brasileira (CPB) aos melhores atletas da temporada em cada modalidade.

Vamos agora conhecer um pouco mais desse campeão do ciclismo e da vida

Soelito Gohr: o atleta que transformou a deficiência inesperada em vitória

Acadêmicos de Educação Física: Qual a importância do esporte em sua vida?
Soelito Gohr: É basicamente tudo. Desde criança o esporte me proporcionou conquistas, derrotas e muito aprendizado, tanto como paratleta quanto como pessoa. Também proporcionou conhecer novos países, culturas e pessoas, além de me incluir na sociedade.

Acadêmicos de Educação Física: Você acha que o esporte é uma ferramenta de inclusão?
Soelito Gohr: O esporte não me fez olhar diferente para ninguém. É, sem dúvida, a maior ferramenta de inclusão social que temos, depois da família. No meu caso, me sinto totalmente normal em cima da bicicleta. Ele [o esporte] inclui desde as pequenas deficiências. No esporte e no paradesporto, não olhamos deficiências, cores, raças, entre outras coisas. Muitas vezes o meu adversário sou eu mesmo.

Acadêmicos de Educação Física: O que te levou a praticar o ciclismo e quando foi isso?
Soelito Gohr: Tudo iniciou na infância, lá em 1986, brincadeira de criança no bairro, um amigo competiu, ganhou um troféu. Aí despertou a vontade de participar e praticar o ciclismo. Aí depois tivemos o incentivo do professor de Educação Física e também da iniciativa privada, que naquela época apoiava o esporte. Tudo começou como uma brincadeira de criança e estou competindo mundo afora até hoje.

Acadêmicos de Educação Física: O atleta deficiente precisa superar vários obstáculos. Porém, fora das competições, quais os maiores desafios para a inclusão?
Soelito Gohr: No meu caso, a minha deficiência não me limita a realizar muitas coisas. Mas, durante a minha trajetória como paratleta, conheci diversos amigos que relataram as dificuldades que enfrentam, desde sair de casa, trabalhar, treinar e voltar para casa. Também há falta de incentivo ao paradesporto e ao esporte em geral. Infelizmente esta é uma realidade cada vez maior, falta de incentivo à inclusão junto ao esporte.

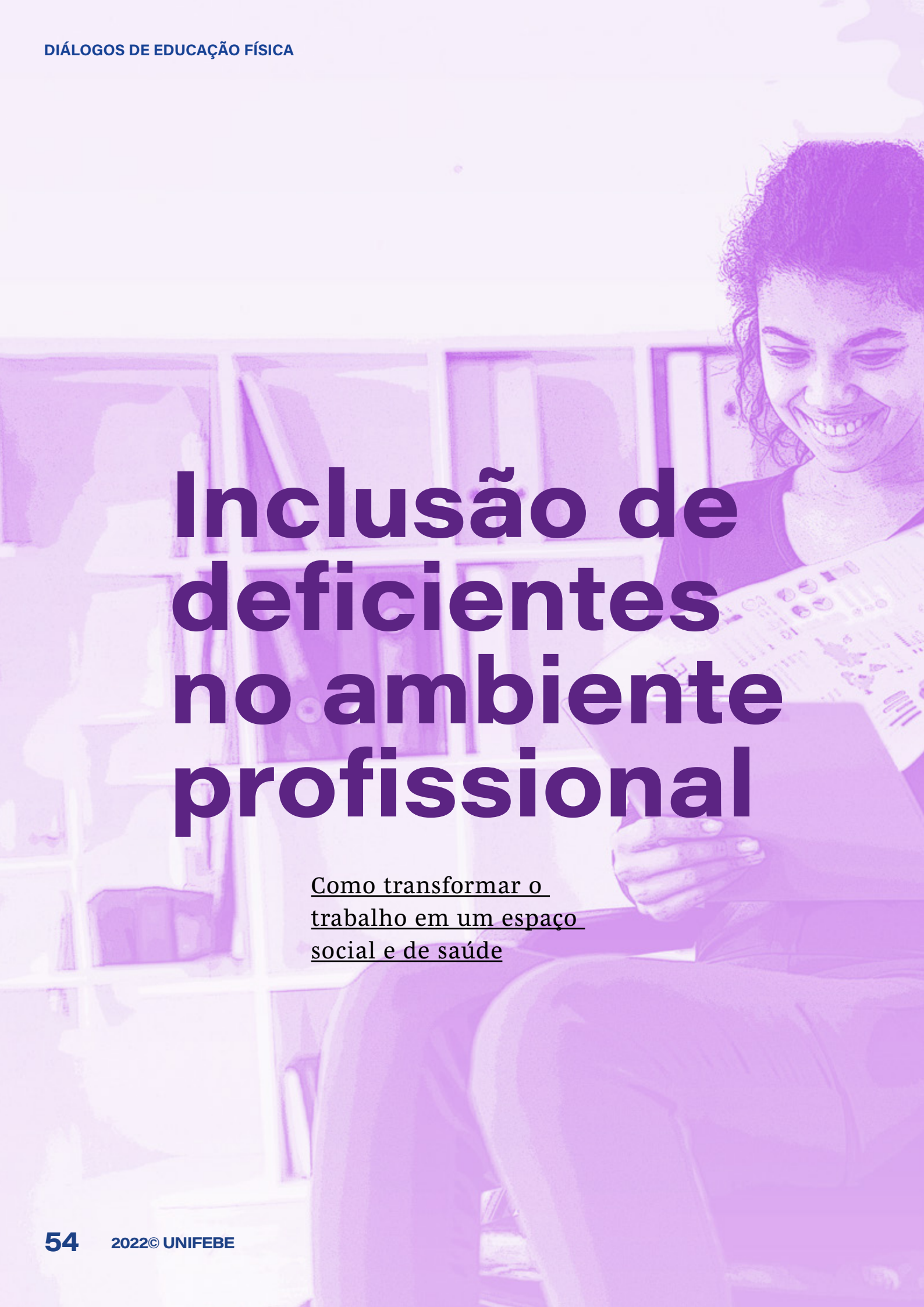
Acadêmicos de Educação Física: Quais são seus próximos desafios dentro e fora das pistas?
Soelito Gohr: Dentro das pistas estou me preparando pra competir o brasileiro e conseguir o índice para o mundial, no segundo semestre. Fora das pistas, pretendo cursar Educação Física, adquirir conhecimento para passar o amor pelo esporte e paradesporto às crianças e aos jovens, montar um projeto de escolinha de ciclismo.

Acadêmicos de Educação Física: Deixe uma mensagem aos nossos leitores.
Soelito Gohr: Muitas vezes olhamos nossas deficiências e nos abatemos com isso. Esquecemos de olhar ao redor e ver que, muitas vezes, o meu problema é menor que o do próximo. Superar você mesmo: o paradesporto tem esse objetivo. Independentemente do tipo de deficiência, o esporte faz com que sejamos iguais nas conquistas e derrotas. Somos feitos de mente: o corpo e o equilíbrio são importantes sempre.

Os trabalhos científicos consultados para esta matéria estão disponíveis na íntegra e podem ser acessados através do QR-Code.

Os trabalhos científicos consultados para esta matéria estão disponíveis na íntegra e podem ser acessados através do QR-Code.

[1] Marcio de Oliveira Nunes e Olavo Larangeira Telles da Silva. [2] Alessandra Cavichioli, Andrei Zonta, Cristiane de Souza, Eduardo Henrique Jacobi, Geferson Farias Bastos, Guilherme Donato da Rocha, Gustavo Tarter Dalbosco, Joana Victorino Deschamps, João Vitor Moço Monteiro, Leonardo Sestrem, Lucas Guilherme Burg, Lucas Hamm, Marcos Paulo Wippel, Pedro Henrique Wilbert e Verônica Oliveira Ledesma.



Inclusão de deficientes no ambiente profissional

Como transformar o trabalho em um espaço social e de saúde

2022© UNIFEBE

Professores[1]
Acadêmicos[2]

A inclusão de Pessoas com Deficiência (PCDs) no ambiente profissional perpassa um Direito Constitucional. Mas, somente em 1991, através da Lei de Cotas (Lei nº 8.213/91), que dispõe sobre a contratação e inclusão de PCDs no mercado de trabalho, é que houve maior cumprimento desta garantia legal. No Brasil, em 2021, conforme dados do Governo Federal, cerca de 372 mil pessoas com deficiência estavam incluídas no ambiente profissional.

Para compreender melhor os aspectos que envolvem a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, os acadêmicos da Quinta Fase do curso de Educação Física, entrevistaram profissionais que formam o corpo técnico da UNIFEBE.

Função social do trabalho

João Batista Luz, 27 anos, tem baixa visão. É graduado em Arquitetura e Urbanismo e, atualmente, é acadêmico do curso de Direito. Há três anos trabalhando na UNIFEBE, o jovem tem como sua superior imediata Adriana Bina da Silveira, coordenadora do Núcleo de Prática Jurídica (NPJ) da UNIFEBE. Aos 52 anos, ela é bacharel em Direito, especialista em Direito Civil, tem MBA em Coaching e Consultoria Executiva: ênfase em pessoas e negócios, além de ser mestre em Ciência Jurídica.

Para João, trabalhar é exercer a cidadania, por meio da participação social. "A função social do meu trabalho é importante, já que me relaciono com um público economicamente carente. Ajudo as pessoas e a comunidade, ao mesmo tempo em que me desenvolvo enquanto profissional", afirma. Ele ainda complementa que "a importância do trabalho está relacionada ao desenvolvimento profissional e social".

Sua superior imediata concorda com a declaração. "Penso que o trabalho é algo que dignifica qualquer ser humano. Ele traz a possibilidade de realização, seja pessoal ou profissional. A pessoa se torna produtiva e coloca em prática suas habilidades e potenciais. Ao mesmo tempo, ela também amplia as relações entre as pessoas que compartilham este novo ambiente. O trabalho é um componente essencial da vida", expressa.

Para quem vive com uma deficiência, o trabalho eleva ainda mais seu potencial dignificante. "Estar inserido no mercado é gratificante para mim. Aqui, na UNIFEBE, trabalho em um setor inclusivo. Isso significa que a minha deficiência não afeta o desenvolvimento da minha função e nem interfere nas questões que devo entregar à instituição", revela João. Nesta mesma linha, a coordenadora do NPJ, reconhece os benefícios que a diversidade traz ao ambiente profissional. "É um aprendizado para todos nós. Pessoas sem deficiência podem ser deficitárias em muitas áreas, enquanto quem tem limitações sensoriais ou físicas, pode desenvolver melhor a percepção, valorizar a relação com o outro. O fato é que só a inclusão é capaz de ampliar e complementar nossos ambientes profissionais", ressalta.

Ademais, para João, o trabalho oportuniza "conhecer novas pessoas e se desenvolver todos os dias". É, ainda, um lugar de alegria e satisfação. "Me sinto como um cidadão de valor, principalmente pela minha deficiência. Aqui sou tratado como qualquer pessoa, de modo igualitário", afirma.

No caso da representação de estar trabalhando, frisa-se a importância de compreender a deficiência como uma característica e não como uma qualidade profissional. Adriana esclarece que a deficiência visual de João, "não faz com que ele deixe de executar o trabalho, pelo contrário". Ela reforça que a presença do jovem no setor é determinada pela sua capacidade técnica de cumprir as atribuições inerentes ao cargo.

Um mercado de trabalho mais inclusivo

A inserção de João nas atividades laborais que desenvolve na UNIFEBE ocorreu por meio de um processo seletivo para PCDs e representou um desafio. "Trabalhava com serviços gerais na produção de uma fábrica e, de repente, estava inserido no setor administrativo, em um escritório de práticas jurídicas. Este foi um desafio que enfrentei", recorda.

Segundo ele, o processo de transição - da função que outrora desempenhava para o novo trabalho - superou as expectativas. Ainda assim, João lamenta que a experiência tão positiva não seja comum em todas as esferas sociais. "Desde nascença, eu tenho essa deficiência. Ao longo dos meus estudos, isso causava limitações. Recebi aparelhos óticos, como lupa e telescópios. Porém, nas empresas por onde passei, nenhuma foi muito inclusiva para mim", enfatiza.

Hoje, no contexto em que está inserido, João menciona a UNIFEBE como um lugar que estimula e favorece a inclusão. "O meu setor foi totalmente adaptado para mim. Quando cheguei, a mesa de trabalho não era funcional e foi trocada. Também recebi um teclado novo, com letras maiores e lupas eletrônicas. Isso ajuda no serviço. A luminosidade me atrapalhava com os brilhos nas telas e, por isso, instalaram mais persianas", pontua.

Sobre o processo de inclusão de pessoas com deficiência, João chama a atenção para a importância da escuta. "As pessoas pensam que, por ter baixa visão, é preciso uma tela maior ou um ambiente mais claro. Mas isso nem sempre é necessário. A UNIFEBE me deixou à vontade nesse sentido. Pude dizer o que eu precisava", esclarece.

Adriana reforça a importância da inclusão de PCDs no mercado de trabalho, e salienta que "dar os primeiros passos é fundamental. Já temos uma legislação que ampara as pessoas com deficiência e, através dela, muitas empresas e profissionais terão a chance de conviver de uma maneira mais próxima e de aprender com as pessoas com deficiência", reforça.

Como a entrevista foi feita por acadêmicos de Educação Física, é natural o interesse de saber mais sobre a experiência de João na prática do esporte, em sua passagem pela Educação Básica. "Devido a minha deficiência visual, tinham certas atividades que eu não praticava, como vôlei e tênis de mesa. Mas joguei futebol e dominó", lembra.

Equidade colaborativa

É pela inclusão que se reconstroem os ambientes de trabalho, proporcionando um espaço identitário de igualdade e equidade colaborativa. É neste movimento profissional e adaptativo que também está inserido o jovem Bruno Henrique Blunck, 19 anos, com deficiência auditiva, motora e visual. Ele cursa Administração e trabalha há um ano na UNIFEBE.

Para Bruno Henrique Blunck, 19 anos, com deficiência auditiva, motora e visual, trabalhar é transformar em prática o que aprende na teoria da faculdade

João Batista Luz tem baixa visão, mas conta como as adaptações deixaram seu ambiente de trabalho inclusivo

Sua supervisora imediata é Josiani Steinhauser Chaves, 33, formada em Administração e especialista em Gestão de Negócios.

Para Bruno, estar empregado "representa uma oportunidade de adquirir conhecimentos e habilidades, além de se estar socializando e aberto às novas experiências". Sua supervisora também reconhece os benefícios da inclusão laboral. "Faz parte da rotina das pessoas. Você se desenvolve pessoalmente e profissionalmente pelo trabalho", considera.

Nas falas de Bruno é possível ouvir mais sobre as habilidades e competências das pessoas, do que as limitações impostas pela sua deficiência, "Aqui, posso colocar em prática o conhecimento da faculdade e me aprimorar. Posso aprender sempre mais, tentando acertar mais a cada dia que vai se passando no trabalho".

Ao seu lado, a supervisora Josiane também reconhece os benefícios da inclusão. "É enriquecedor para o conhecimento, para saber e ter noção do que as pessoas com deficiência enfrentam no trabalho. Passamos a dar mais valor às questões pequenas da vida", diz ela, ressaltando que esta convivência é um aprendizado.

A contribuição das relações sociais

As relações sociais mantidas no ambiente profissional são importantes para Bruno. "A gente vai conversando, vai aprendendo. Eles me ensinam bastante coisa. Então, assim, não sou a mesma pessoa que entrou aqui, sabe? Eu aprendi muita coisa com eles, e nunca imaginei estar aqui. Foi uma oportunidade bem grande que apareceu pra mim".

O jovem ainda descreve a satisfação de integrar seu setor. "Todo mundo trabalha com mais harmonia, porque trabalhamos em equipe. Aqui eles têm a paciência de explicar novamente, por entenderem o meu lado, as minhas dificuldades. Isso acaba me estimulando para querer estar sempre aqui", revela.

Sua supervisora diz que é nítida a motivação de Bruno. "A gente percebe que a pessoa gosta", observa.

Para Bruno existe uma troca entre os aprendizados proporcionados pelo ambiente de trabalho e a sua formação profissional, cujos conhecimentos científicos auxiliam. "Posso acompanhar o que está acontecendo, ter mais conhecimento e experiência. Aprendo mais aqui, às vezes, do que em sala de aula, porque para mim as coisas funcionam melhor na prática", detalha.

Com a maturidade do Ensino Superior e a contribuição do ambiente de trabalho, Bruno vai deixando para trás alguns capítulos de sua história, na qual a deficiência nem sempre foi encarada com tamanha empatia. "Na escola regular, lembro de professoras exigentes. Elas queriam que eu fizesse as mesmas coisas que os outros alunos faziam. Só que, às vezes, a minha limitação não permitia ir além do que eu podia. Se eu correr daqui até ali, vai faltar o ar, vou ficar ruim porque o meu pulmão não é totalmente desenvolvido", informa.

A inclusão no ambiente profissional proporciona vivências que extrapolam o labor, possibilitando e contribuindo para uma sociedade mais justa, diversa e humana. Neste contexto, é possível concluir que os locais de trabalho necessitam se tornar cada vez mais acessíveis para o desenvolvimento das potencialidades das pessoas com deficiência.

Os trabalhos científicos consultados para esta matéria estão disponíveis na íntegra e podem ser acessados por meio do QR-Code

BRASIL. Cerca de 372 mil pessoas com deficiência estão atualmente no mercado de trabalho.

[1] Camila da Cunha Nunes e André Luiz de Oliveira Braz. [2] Ana Lucia Fiuza De Carvalho, Beatriz Treider Anastácio, Fernanda Batista Ribeiro, Gabriela Estevo Suave, João Antonio Furtado, Larissa Borghezan, Lucas Josué Cavaco, Luiz Hermínio Cipriano Neto, Raul Debacker, Ricardo Appel Kormann e Victor Hugo Kurtz.

Quem faz a Revista UNIFEBE Saúde e Bem-Estar

Conheça os professores
e acadêmicos envolvidos
nesta edição

PSICOLOGIA
PRIMEIRA FASE A

PSICOLOGIA
PRIMEIRA FASE B

PSICOLOGIA
TERCEIRA FASE

PSICOLOGIA
QUINTA FASE

MEDICINA

FISIOTERAPIA

EDUCAÇÃO FÍSICA

EDUCAÇÃO FÍSICA
PRIMEIRA FASE

EDUCAÇÃO FÍSICA
TERCEIRA FASE

EDUCAÇÃO FÍSICA
PROFESSORES

FISIOTERAPIA
PROFESSORES

MEDICINA
PROFESSORES

PSICOLOGIA
PROFESSORES

UNIFEBE

É NOSSA. É DAQUI.

unifebe.edu.br